

REVISTA
DE
LITTERATURA
PIAUIENSE

LITTERICULTURA

Publicação mensal



ORJA "MUSEU BENTO"
(Biblioteca Publica)
Terezina
Typographia P.

Terezina—PIAUI

1912

SUMMARIO

- I—Litericultura
- II—As tyrannias sociaes—Clodoaldo Freitas
- III—A Tosca—Jonathas Baptista
- IV—Os symbolos na Maçonaria—Mathias Olympio
- V—Apologo—Antonio Chaves
- VI—Os Burgos—Clodoaldo Freitas
- VII—Deixando a orgia—Baurelio Mangabeira
- VIII—O Excommungado—João Pinheiro
- IX—Uma pagina dos Barbaros—Zito Baptista
- X—O Sul do Piauhy—F. A. Brandão Junior
- XI—Scena do Norte—Mario Baptista
- XII—Contribuições para a historia do Piauhy—Abdias Neve
- XIII—Threno—Tótó Rodrigues
- XIV—Os filhos naturaes havidos na viuvez e reconhecidos
então, por escriptura publica ou testamento, concorrem
à sucessão paterna com os legitimos preexistentes—A. Carvalho Filho
- XV—Rurigena—João Pinheiro
- XVI—Therezina—Antonio
- XVII—Cravo Branco—Alcides Freitas
- XVIII—Ultimas notas

LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

SECRETARIO
Abdias Neves

DIRECTOR MENSAL
Valdivino Tito

THESOUREIRO
Simplicio Mendes

Redactores e Collaboradores diversos

ASSIGNATURAS

Um anno (para a capital)	10\$000
Para o interior, outros Estados e estrangeiro	12\$000
Numero avulso	1\$000

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
TERESINA



Typographia Paz

Therezina - PIAUHY

1912

13-A-2

mente
nham
vão,
eximi
ria, as
são o
que a
sacra
pelo

da. in
nas

calça
á rua
de a
meiz

a 22
n
u
d
s
d
c
p

n
al

Litericultura

O nome desta revista é o seu programma. Ella se destina exclusivamente à cultura das letras, nas suas varias modalidades.

Será um novo ensaio desse genero de cultura, que não tem fructificado em nesso meio, menos por falta de cultores aptos, do que por falta de um processus efficientemente systematizado.

Para chegar aos seus fins, o nesso mensario estabelece as normas seguintes:—

I.—As suas paginas estão franqueadas a quem quizer escrever de philosophia, sciencias, artes, letras e, em geral, de qualquer assumpto que se relacione com o desenvolvimento intellectoal e moral da collectividade.

II.—Ficará ao criterio da directoria a acceitação ou rejeição dos artigos que lhe fêrem presentes.

III.—A inserção de qualquer escripto será feita sob a responsabilidade exclusiva do seu autor, que o firmará com o seu nome ou com o pseudonimo que adoptar.

IV.—São inadmissiveis polemicas de caracter pessoal, partidario ou sectario.

V.—A publicação de um escripto não implica a solidariedade da redacção com os conceitos nelle emittidos.

Aos preceitos expostos devem subordinar-se os redactores e colaboradores da revista.

As tyrannias sociaes

I

O homem, qualquer que seja a sua posição, vive eternamente subjugado pelas ferrenhas imposições sociaes, que o apanham no berço e o levam, sem intermittencias, até a sepultura e vão, muitas vezes, além da propria sepultura. Ninguem pode eximir-se das fatalidades dessa pressão social e, quem as contraria, as infringe, passa por um criminoso, por um mau. Os bons são os obedientes, os adoraveis carneiros do rebanho panurgiano, que acreditam pacatamente, como dogmas immutaveis, como leis sacratissimas, n'essas normas fixas secularmente, consagradas pelo uso, pelos codigos e pelos governos.

Á força coercitiva, exercida pelos usos e costumes, é tremenda, inamolgavel. Poucos tem a coragem de affrontal-a, mesmo nas cousas minimas, como em questões de moda.

Quando todos usam calças estreitas, ninguem se atreve usar calças largas. Uma senhora não teria a audacia de sahir, hoje, á rua, de balão. O dandy mais excentrico, não teria o heroismo de apresentar-se em um baile de casaca, calçando alparcatas, sem meias.

Seria tão monstruosa a infracção do uso, que exige para a casaca uma certa pragmatica de vestuario, talhado de certa maneira, como seria monstruoso, num paiz catholico, cosinhar com uma imagem de N. S. dos Remedios, ou um judeo comer carne de porco num banquete publico!

As imposições sociaes existem pelo consenso tacito do meio social e se radicam de tal forma que assumem as proporções de leis geraes e naturaes. O pudor feminino, tão delicioso, tão cheio de mysteriosos melindres, tão suave na sua meiguice, não passa de uma convenção social.

Ha povos onde as mulheres andam nuas; outros onde as mulheres, nas grandes festividades da corte, apenas se cobrem até a cintura. Uma indigena africana não se atreveria apresen-

tar-se em publico, numa recepção real, trajando a roçagante saia de seda das nossas damas. Estaria no mesmo caso de uma dama occidental em não atrever-se apresentar-se, em uma reunião qualquer, apenas vestida até a cintura.

Na Roma pagan, homens da estatura moral e social de Catão, não punham o minimo escrupulo em ceder a esposa a um amigo, e, depois, recebê-la novamente, o que prova que, então, eram licitos semelhantes empréstimos, ainda hoje em voga entre nossos selvagens. Na idade media, o crime mais grave era a blasphemia, que os codigos modernos ja não consideram crime. Para nós, um dos mais santos devêres, é a piedade filial, que consiste em cercarmos nossos paes de toda veneração, carinhos e cuidados. Guardemos bem no pensamento, diz Platão, que não ha idolo mais veneravel aos olhos da divindade, que um pae, uma mãe, avós curvados ao peso dos annos. Estas estatuas vivas dos nossos antepassados tem uma maravilhosa superioridade sobre as estatuas inanimadas. As primeiras, quando as honramos, juntam suas preces ás nossas e nos maldizem quando as ultrajamos; ao passo que as segundas não fazem uma e outra cousa. Quem trata seu pae, seu avô e seus outros ascendentes, ainda vivos, como deve, pode lisonjear-se que possui nelles as estatuas. Todo homem sensato, pois, teme e honra seus paes e são verdadeiramente um thesouro para as pessoas de bem os avós carregados de annos e que vivem até á extrema velhice.

Nas ilhas de Viti, a piedade filial consiste no estrangulamento dos paes, quando chegam á idade de quarenta annos, pratica monstruosa, em que entra o sentimento religioso dominante. O juizo de Deus e as torturas estiveram em voga na idade media, as torturas faziam parte da penalidade da Inquisição e, hoje, ninguem se utiliza mais desses meios penaes, repugnantes e selvagens.

As tyrannias sociaes imperam com uma força irresistivel e temos o dever de nos curvar diante de suas imposições por mais odiosas e dispatatadas. O homem é, e sempre foi, escravo submisso dos preconceitos. Esses preconceitos politicoss, religiosos, economicos tomam mil formas proteicas e tem exigencias imperiosas, tyrannicas, que subjugam as consciencias mais reveis. Quem ignora o poder do preconceito religioso, mesmo nos centros mais adiantados? Morre um nosso parente conjuncto e temos o dever de vestir luto durante um certo numero de mezes, e, ainda mais, devemos permanecer em casa por espaço de sete dias, chorando e dando esse teste nunho inconcusso do nosso pezar. Findos os sete dias, podemos sahir; ninguem duvidará da nossa dor. Durante o luto de um anno, figuremos o luto paterno, não podemos dançar; mas no dia seguinte, pode-

AS TYRANNIAS SOCIAES

mos vestir roupas brancas e dançar: ninguém negará que sentimos, no intimo d'alma, a grande dor! Si, por qual quer circumstancia, nos revoltamos contra esse preconceito, somos tidos por uns desahitados. Só a hypocrisia triumpho nesses lances supremos, em que a virtude humana se mede pela bitola desses preconceitos. A sociedade tem suas leis arbitrarías, estupidas, ridiculas, que impõe severamente aos homens, sob as penas da sua maldição. Essas leis variam, não ja de povo a povo, mas de lugar a lugar. No Piauí, por exemplo, é um grande desaforo conversar com uma moça á janella; no Maranhão, é a cousa mais trivial os namorados ficarem do lado de fora, na rua, e as namoradas do lado dentro, numa palestra adoravel, que a familia fecha os olhos para não ver e serve para inteirar os visinhos que, ali, se alinhava um casamento.

A não serem alguns individuos que vivem isolados na sua utopia ou na sua loucura, e, por isto mesmo, odiados de todos que vem no seu isolamento a prova da sua rebeldia contra o espirito de solidariedade social, ninguém se atreve, por seus instinctos pessoases e pelo receio de offender ao seu meio, romper abruptamente com a sociedade, desrespeitar suas leis. Quem não acompanha a moda é, na gyrta popular, um ratão, leva apupos, torna-se o alvo das injurias sociaes, das mais revoltantes injustiças e perseguições. Esse receio da opinião publica é o que Parlante chama consequencia do espirito de solidariedade e de gregorismo conservador.

A opinião publica é a summula das leis decorrentes do instincto da conservação social. Nós todos, por mais que blazemos da nossa independencia, temos tendencias imperiosas para a escravidão e nos sujeitamos com a maior facilidade ás imposições mais ridiculas do nosso meio, sem cogitarmos de revolta, tão affeitos e inconscientes somos á essas servidões sociaes.

O soberano mais vaidoso da sua realeza, o imperador da Allemanha, não teria a audacia de apresentar-se diante do «seu» exercito, numa solemnidade nacional, vestido á paysana.

O dever de conformidade com o que a maioria adopta como essencial para a conservação da sociedade, vae até prender-se aos principios e vinculos religiosos das religiões dos povos barbaros e mesmo dos povos catholicos.

Bagehot nota, com razão, que nenhum barbaro pode resignar-se a ver um dos membros da nação affastar-se dos costumes barbaros e dos antigos usos da tribu, porque esse desvio importaria offensa á divindade, que castigaria a tribu pelo crime de um individuo da tribu.

Entre nós vemos diariamente o alto e baixo clero attribuir certas calamidades publicas ao castigo da divindade, originado

por crimes individuaes, pelos peccados populares e neste sentido, serem feitas preces publicas e aconselhadas penitencias geraes. As sociedades barbaras e religiosas se confundem em muitas e importantes affinidades logicas e irreductiveis, proprias das instituições.

Essa atmosphaera de intolerancia de que fallava Quiau é a atmosphaera natural desse ambiente social, que estabelece como preceito fundamental a predominancia de certas normas tidas como legados dos antepassados e, por isso, como infalliveis, santas, necessarias. As cousas antigas são consideradas boas e verdadeiras. Os grupos dominadores tendem virtualmente para a absorpção, para a eliminação do individualismo e, agora e sempre, a maxima jesuitica «perinde ac cadaver» tem applicação em todos os grupos e é a expressão sincera da força e do egoismo humanos na sua manifestação mais animal. O sectarismo religioso e politico, não tem melhor significação.

Na animalidade, de que tanto se avisinham as sociedades barbaras e as sociedades religiosas, na sua feição conventual, a lei do conformismo se confunde com as leis da natureza. O selvagem, como o frade, só tem uma norma de moralidade decorrente da sua religião e fora desses preceitos religiosos, que são tambem moraes, juridicos, politicos, economicos e sociaes, não ha nada de verdadeiramente bello e garantidor da ordem social, na sua significação mais larga.

A divindade, organisadora da sociedade, nella intervem pelos milagres continuos, pelos castigos ferozes, pelos beneficios reiterados.

As instituições primitivas e as que se mantem ou querem manter-se no immobilismo, fazem derivar suas origens da divindade, que adoram, e Bossuet attribue ao Deus judeo, que é o dos christãos, a evolução historica da humanidade.

Esse providencialismo, ultimamente advogado pelo dr. Ruy Barbosa, é privativo de todas as religiões. Os antigos recebiam suas leis directamente de seu Deus, que era o legislador, o medico, o juiz, o rei e o padre. Nesses preconceitos antigos, da interferencia immediata de Deus nos negocios humanos, se prendem a superstição e os milagres, tão triviaes nos povos selvagens e entre nós. É preciso render completa homenagem a tudo isto, sob pena de perturbar a harmonia social, offender a religião e cuspir na moral. D'ali a furia, o odio, com que os conservadores, os adeptos do immobilismo, perseguem os que discrepam desses preceitos seculares, tão respeitaveis quanto ridiculos. As instituições dominadoras devem ser conservadoras, sob pena de suicidio. Quanto mais variado o meio social de um povo, mais deve ser ferrenho o seu conservantismo. A igreja romana está

neste caso. A sua acção se exerce sobre povos de costumes, raças e leis diferentes e, por isto, necessita de uma acção constante contra a quebra da unidade, que é o segredo da sua força dominadora, exercida inflexivelmente atravez dos seculos, com um requinte feroz de crueldade. Para a sustentação dessa unidade existem as castas e as associações, subclasse, que serve, como os soldados, nas mãos do general. A mesma coisa explica a criação dos exercitos: o instinto de conservação da unidade governamental. O poder civil ou religioso lucha pela vida e prega o monismo social. O individualismo lhe é odioso pela razão de que o individualismo é a liberdade. O jesuitismo, por exemplo, procura matar, no homem, a sua individualidade, não admittindo nelle siquer a vontade.

«Perinde ac cadaver». A humildade passiva, a obediencia passiva á vontade absoluta do superior são o ideal da perfeição humana. É visto que semelhante perfeição vae dar no despotismo mais atroz, quer politico, quer religioso. A historia nos fornece exemplos da applicação desses principios. Vemos á toda hora a grita lamentosa erguida contra a quebra dessas maxims elementares da liberdade individual e não raro a furia com que o clero prohibe a leitura de certos livros e jornaes, capazes de fomentar ideas contrarias ao convencionalismo theocratico. Que foi, afinal, o protestantismo? A revolta individual do livre exame contra a pressão do ensino official e da prohibição catholica da leitura da Biblia. Incontestavelmente, sem o exame individual da Biblia, não podemos comprehender a obra protestante. Do livre exame decorre o individualismo. Não é, bem entendido, que o protestantismo, qual quer que seja a sua seita, não tenha canons tão infalliveis como os da igreja catholica; não é que o protestante não incorra em anathema infringindo esses canons. Ahi protestantes e catholicos se confundem no mesmo espirito de intolerancia. O catholico que dissesse que a pedra do texto evangelico não é Pedro, mas o próprio Jesus, a verdade confessada por Pedro, seria immediatamente excommungado, por que negava uma das bases fundamentaes da igreja catholica, da onde emana o poder papal. Da mesma maneira, seria excommungado pelos seus, o protestante que affirmasse que a pedra é Pedro e não Jesus. Eu não levo muito longe o principio da tolerancia. Ponho-lhe restricções, que todos lhe poem na pratica. Não posso comprehender tolerancia absoluta em frente de certa dose de convicções sinceras. Acho perfeitamente explicavel a intolerancia em todos os dominios, exceptuando nos dominios da sciencia, onde o homem vive encarando o real. Si um crente, fundado na Biblia, me vier provar, com os argumentos da sua fé, que a burra de Balaão fallava; que, na Judea, havia eno, mes manadas de porcos; que Josué parou o sol em quan-

to fazia medonha carnificina nos seus inimigos, eu só tenho que estudar os secretos impulsos dessa fé e procurar saber si ella, realmente, existe na sua integridade moral e religiosa. Mas não tenho que zangar-me, mesmo quando o crente não quer attender as razões do seu erro. Ah! no meu ponto de vista scientifico, tenho a certeza e contra a minha certeza não valem os arremessos das objecções dos que são ignorantes. Não me chocam. Nos outros casos, por mais que me pareça evidente um facto de doutrina metaphisica, eu estou convencido sem ter a certeza e é natural a intolerancia como meio de argumento.

Eu sou republicano e tenho as minhas razões pessoases, sem character scientifico, da superioridade da forma republicana unitaria, adoptada pelo meu visinho da direita e sobre a forma monarchica adoptada pelo meu visinho da esquerda. Nesta divergencia de opiniões, não temos uma prova real e scientifica da verdade dos nossos conceitos, porque a verdade é que a monarchia e a republica são boas e más segundo os povos que as adoptam. A incerteza da minha convicção gera a intolerancia. A tolerancia só é licita na sciencia, por que só a sciencia é certa em toda parte. Um axioma geometrico aqui ou na China, no tempo de Euclides ou de Laplace ou hoje, é sempre um axioma, fundamentalmente verdadeiro. Negar a verdade axiomatica não offende a quem a conhece.

A sociedade inteira, na sua immensa multiplicidade de fracções de poder e conceitos, está armada, dia e noite, para impor a sua autoridade gregaria, suas regras, tidas por infalliveis, certas, ineluctaveis. A não conformidade com essas leis é rebeldia e prova de perversidade moral. Os primeiros christãos soffreram semelhante accusação quando se revoltaram contra a uniformidade dominante no paganismo e soffreram muitos livres pensadores quando, mais tarde, se revoltaram contra a uniformidade catholica. Por que deve ser notado que S. Paulo, por exemplo, foi, para os pagãos, um livre pensador, um atheo, da mesma maneira que Giordano Bruno para a egreja catholica.

Na historia o que faz o heroe, o martyr ou o bandido, é a victoria da idea, que o alentou. O marechal Deodoro foi um heroe a 15 de Novembro, pelos mesmos motivos por Pedro I foi um heroe a 7 de Setembro. Si a politica do marechal Floriano ainda predominasse, veriamos entrarem triumphantes, na Capital Federal, os despojos do grande almirante Saldanha da Gama? Quantos heroes tiveram de ser arremessados aos abysmos da rocha Tarpeia e quantos martyres, humildes e desesperados, foram, mais tarde, victoriosas suas ideas, transferidos ao Capitolio? Tiradentes é um exemplo; Marat, outro.

Todo esse lutuoso drama social, com suas varias scenas,

(Biblioteca Paulista)
TESES

com suas leis varias, se impõe em um momento historico mais ou menos longo com um poder que os nossos habitos de obediencia acceitam passivamente. Romper com esses preconceitos é prova de energia de caracter, de independencia e de coragem pessoal.

Somos escravos servis do nosso meio social e esse servilismo é o que explica a existencia dos governos despoticos, oppressores de uma população inteira, que não pode, pela força hereditaria, sacudir o jugo aviltante!

Os tyrannos cercam-se de escravos para escravisarem os homens livres. Todos comprehendem que não devem ser escravos; mas quem tem a coragem de repellir a escravidão? A repulsa da tyrannia é a revolução. O homem é, realmente, um animal superior aos outros animaes, escravos, como elle, dessas fatalidades organicas? A besta de carga não tem outras razões para ser besta de carga.

Continúa.

Clodoaldo Freitas

A Tosca

(Impressões de leitura).

Do negro crume, enfim, na ultima agonia,
Tenho o peito a sangrar, em dôvida constante.
Deixa Farnesio em festa—aristocrata orgia—
E parte a procurar, raivosa, o terno amante.

Scarpia, sorridente, e enrêde todo guia...
Genio servil e mão, o pèrfido farçante
Manda-a seguir de longe, e, em felina alegria,
Descobre, então, de Marie o refugio elegante.

Está todo acabado! ... Em desalinho, Flora
Sobre o corpo do amado, em desespero chora,
Sentindo e socombir da ultima esperanza.

De sôbito, se escuta a sua voz bramindo.
Matei-o! Desgraçado! Scarpia é morto! E rindo,
Na profundez de abysmo, a gargalhar, se lança!

Jonathas Baptista.

Os Symbolos na Maçonaria

Conferencia realizada por Matthias Olympio na Loja maçonica -Caridade 2ª- no dia 24 de fevereiro de 1911.

MEUS SENHORES.

A serie brilhante de conferencias realizadas nesta casa, senão a affeição pessoal generosamente dispensada ao orador, foi com certeza o movel determinante aqui do vosso comparecimento, que irá passar pela surpresa pouco agradável de ouvir a quem, dadas outras circumstancias, não vos sujeitaria a tamanho desprazer.

Nem por isso, julgo, entretanto, dever penitenciar-me, porque tão sedição expediente, a força de repetido, faz que o publico não distinga quando a solicitada desculpa é verdadeira ou insincera-

O habito tornou-a na boca de certos oradores profanos o mesmo classico chavão que é o *em nome do Padre, do Filho e do Espirito* com que os santos labios dos sacros pregadores principiam os seus sermões. E' um introito banal destinado a ganhar alguns minutos na attenção dos ouvintes, e eu, se algo desejo, é vos conceder liberdade o mais cedo possivel.

SENHORES:—A historia dos symbolos tem encantos e seducções empolgantes e a sua genese abrolhou nos primeiros alcores da infancia humana, em pleno dominio da linguagem mimica.

Blasco Ibanéz, o inexcédível gigante que tracejou as immorredoiras paginas da *Cathedral*, escreve, em uma dellas, que o trabalho é uma lei penosissima que o homem só a cumpre impellido pela dura necessidade de viver, e a psychologia humana não ensina cousa diversa. No que pese a ingenua doçura de certos espiritos que lhe apregoam as delicias sem jamais apresentarem provas de suas agruras, o trabalho—muscular ou intellectual—, é sempre visto com maldição pelo homem. Está bem visto que, por este modo me expressando, não me quero referir ás leves occupaões a que cada um de nós se entrega por méro desfazio do espirito, sem canções prolongados, nem esforços longos.

Tão exacta se me afigura a verdade deste enunciado que a propria etymologia da palavra trabalho com ella está accorde. Se consultarmos a origem deste termo nos diversos idiomas, o testemunho que destas pesquisas nos offerece Guilherme Ferrero, é completamente elucidativo da asserção.

Em hebraico *assab* significa ao mesmo tempo trabalho e dor; no grego, esforçar-se, trabalhar e soffrer têm uma só origem; o francez *travail*, tem no italiano o correspondente *travaglio* que quer dizer soffrimento.

Univ. "Albino" (Biblioteca Pública)
YE 7318A

Ao lado da etymologia, Spencer escreve que «a maior parte dos homens só trabalha porque a isto é constrangida pela necessidade». Este facto, aliás, é de observação corrente, tanto nos agrupamentos humanos mais rudimentares, como nas sociedades civilizadas. Uma vista de conjunto através da historia do desenvolvimento humano vai encontrar o homem numa de suas etapas evolutivas deixando ao encargo de sua companheira os mais pesados e árduos trabalhos. Era a mulher que arroteava o campo, que sustentava o casal, que cuidava dos filhos; o homem vivia da caça e da guerra e entregue á ociosidade. Considerada como um ser inferior, encontramo-la em a Nova Caledonia, segundo o testemunho de Henri d'Almêras, como um objecto que torna a cama mais agradável, fornece filhos á tribu e se presta aos labores mais duros. Ainda hoje, certas classes sociaes, nos centros de vida mais intenso, furtam-se inteiramente ao trabalho atirando-se á prostituição ao roubo e á vagabundagem.

Nas nossas villas e povoados é commumente observada a indolencia do nortista, que sustentado pelas pequenas industrias e agencias de sua mulher, se arrasta na mais vegetativa indifferença.

Onde a intensidade da civilização acerra mais a luta pela vida, a necessidade da conservação forçou o homem a habituar-se com o trabalho muscular vencendo o horror que lhe causava esse despendio de energias.

O esforço mental, porém, é encarado ainda, como accentua Ferrero, com uma repugnancia instinctiva. E se o selvagem, como observa Spencer, é menos capaz de contensão mental que o civilizado, nem por isto a faculdade de attenção tem neste demorada acuidade. A attenção, ensina Ribot, é um estado anormal, não duravel, produzindo um esgotamento rapido do organismo; começado o esforço, vem a fadiga, principiada esta sobrevem a inactividade funcional. Pelo commum, a nossa attenção é por demais circumscripta e ainda assim frequentemente interrompida.

São raros os que absorvidos por uma idéa, não têm mais nem olhos nem ouvidos para as outras cousas. Todos os nossos actos são realizados com parcimonia de esforço mental. Desde que possamos despender menor numero de energias por determinada rota, abrimos desde logo mão de quaesquer outras considerações, mesmo apresentando trabalho imperfeito. A ancia de offerecer um resultado qualquer, ainda de effeitos ephemeros, é a nossa preocupação. *Quem vier utraque que feche a porta* é um dos muitos proverbios que traduzem toda a psychologia humana. O homem está longe de ser o animal que vive a procura de difficuldades. Entreguem-no a si mesmo e vel-oão á margem dos rios e lagos fazendo apenas para satisfazer a sua conservação individual e perpetuar a especie. Os obstaculos que se lhe antepõem, elle só os contorna por parte e o sufficiente para que o deixem em paz.

Para se poupar a maior trabalho, quasi sempre as suas primeiras investigações são defeituosas. Todas as nossas instituições attestam isto. Nenhuma dellas surgiu aparelhada de uma só vez. Só a somma de pequenos esforços de muitas gerações pôde concluir-as edar-lhes moldes capazes ao seu perfeito funcionamento. O desejo de chegar ao fim faz-nos crear hypotheses para sobre ellas se assentarem sciencias, de cujas conclusões precisamos de momento. A observação demonstra que quando a necessidade constrange o homem a trabalhos cerebraes, elle procura realizal-os com o mais pequeno esforço empregando *processus psychologicos* que lhe custem menor fadiga e que, por este motivo, não sejam dolorosos. Assim procura resolver sem muito trabalho todos os problemas da existencia com os meios de que dispõe mais promptamente, mesmo que o remedio seja passageiro e mais tarde se compliquem ainda mais os males que tinha em vista fazer desaparecer. E' por isto que a evolução social se desenrola sem grandes abalos e por pequenos progressos; é por isto que as idéas mais complexas se for-

mam pouco a pouco por accumulação de idéas mais simples que custaram trabalho menos penoso.

Por preguiça de reflectir, teve o homem de crear signaes, cuja presença lhe suggerisse a associação de determinadas idéas e imagens, que elle tinha em mente quando idealizou o symbolo correspondente. O apparecimento do symbolo teve, pois, a sua origem, como quer o autor das *Leis Psychologicas do Symbolismo*, na lei da inercia e do menor esforço, para o homem satisfazer a necessidade de objectivar e exprimir as suas impressões, idéas e convicções. Obedeceu, como tudo que existe, a desenvolvimento e transformações: passou de forma rudimentar de associação de idéas individuais, ás bellissimas allegorias que hoje se ostentam por toda a parte. Em começo, era de uso privado do individuo, depois eram signaes, como na Grécia antiga, ajustados entre os iniciados nos mesmos mysterios.

Mais tarde, Réville escreve que a mesma palavra serviu para designar os formularios dogmaticos reconhecidos pelos proselytos duma mesma sociedade religiosa, até que, na linguagem usual, veio designar todo acto ou objecto a que convençionamos dar uma significação religiosa ou moral.

A vida em sociedade requeria a ampliação de sua limitada significação para poder ser comprehendida por aquelles que viviam agrupados. Nestas condições, a collectividade inventava os seus symbolos que serviam para todo um povo. Disto encontramos exemplos em varios povos, alguns portadores de adiantadas civilizações. A notavel civilização do Perú, não conhecia a arte da escripta. Desenvolveu-se e registrou os seus feitos por meio de signaes. Eram symbolos mnemotechnicos que feriam immediatamente a retina, lembrando a idéa, a imagem ou o acontecimento destinado a representar.

Pensando pouco, e, por consequente, falando pouco, o symbolo, com a sua funcção synthetica por excellencia, condizia com o acanhado horizonte intellectual do homem primitivo, e, por isso, abundava por toda a parte. A proporção que a mentalidade humana foi se desenvolvendo, muitos delles desapareceram e outros foram modificados.

Nas religiões, então, essa diminuição é visivel, havendo até algumas dellas que, como o protestantismo, aboliram escapularios, bentinhos, rosarios, cordões, medalhas, agua benta, & constituindo-se uma religião apoiada em principios meramente abstractos.

Essa eliminação de symbolos grosseiros, e alguns até immoraes, é uma necessidade. E' até mesmo uma verdade corrente que deve desaparecer todo órgão cuja funcção deixou de existir. Desde que um symbolo não esteja mais de accordo com o estado mental da epoca, impõe-se naturalmente o seu desaparecimento. Alguns, porem, mesmo neste caso, subsistem ainda por muito tempo e se parecem, como diz Quinet, com as velhas arvores que já não têm casa, mas que não deixam de vegetar e cobrir o solo com uma sombra densa até que o machado as deite por terra.

Estes factos comprovam que o symbolo está sujeito a lei da transformação, mas isto não quer dizer, nem significa, que tenha elle de desaparecer.

Contemporaneo do homem, começando a sua perigrinação mesmo antes da linguagem articulada, não desaparecerá, mas terá apenas de modificar-se para adaptar-se a novas condições de existencia.

Nós o vemos por toda a parte. Encontramol-o a cada instante em todas as manifestações da actidade humana.

Na religião, como no direito, na vida familiar, como no commercio, nas letras, como nas artes, nas sciencias, como no vestimento, vive e palpita o symbolo.

A Maçonaria, como todas as religiões solares, teve de usal-o. A principio, os depositarios de suas verdades eram os sacerdotes de Hiram, homens de grande saber na sua epoca. Receiosos de invasões que lhes tirassem a vida e destruíssem assim todas as sciencias de que eram portadores, entende-

ram traduzil-as em fórmulas symbolóicas que, tortando-as mais accessiveis aos iniciados, não tivessem traducção aos olhos profanos. Moysés foi um dos grandes iniciados, e a confecção dos evangelhos, numa linguagem toda figurada, é um reflexo do seu apprendizado maçónico.

Os mysterios desses sacerdotes eram transmitidos sob as mais vigilantes precauções. Os seus iniciados submettiam-se a provas terriveis que a juizo daquelles sabios mostrassem os iniciandos dignos de possuir a moral e a sciencia por elles ensinadas. Os que não suportavam as exigencias feitas, eram considerados indignos e inadmittidos na ordem. Muitas das primitivas exigencias caducaram com o tempo, mas o character eminentemente tradicionalista da instituição foi mantendo com carinho e amor a maioria dos seus symbolos originarios. Assim é que ainda hoje se erguem á entrada do nosso templo duas calumnias symbolóicas da base ao cume. Ellas, que são as calumnias do templo do Salomão, nos mostram a luta eterna entre dois elementos que representam principios oppostos: o Bem e o Mal; Alma e o Corpo; a Luz e as Trevas; a Existencia e o Nada. Eram os dois principios que agitavam toda a philosophia orientalista. As romãs collocadas na parte superior das columnas são os symbolos da união e da amizade e a alvura do liz synthetiza a candura e a pureza de nossos intuitos. O branco é o symbolo da pureza. Das espumas brancas do mar nasceu a decantada Venus, e a immaculada flôr da laranja é a representação da virgindade e da innocencia.

As espadas aqui vistas não têm effeito destruidor e malléfico. Representam a Força que devemos pôr em pratica em defesa de nossos irmãos. São ellas a força que constitue a nobreza, a energia que representa a coragem civica e não a bruteza que aniquila e mata, destroe e fulmina.

Como a personificação da verdade, caminhamos para a luz tendo em vista a felicidade de nossa especie. Acabando com a distincção de raças, supprimindo a hierarchia de classe, abolindo privilegios e não reconhecendo desigualdades, formamos uma só familia tendo como crença unica a confiança na Justiça e a pureza do ideal que pregamos. Sob a abóboda azulada que nos illumina, reunem-se fraternalmente todas as opiniões philosophicas, politicas e sociaes, se auxiliando mutuamente para que mais scelere marche o ideal de fraternidade universal.

O luminoso triangulo que possuímos, é a representação das tres unidades communs ás religiões antigas, que uns traduzem como formando a trindade basica dos mysterios egypcios: *geração, destruição e regeneração*; os christãos querem que represente as tres pessoas da santissima trindade: *o Pai, o Filho e o Espirito Santo*; os maçons vêm nelle a fórmula democratica: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, ou ainda a velha diviza usada por muitos dos nossos antecessores: *Fé, Esperança, Caridade*.

Pela recommendação que nos fazem os nossos rituaes, devemos nos aperfeçoar no estudo e na pratica das idéas igualitarias, generosas e liberaes. Acabando os preconceitos de castas, oppondo-se ao dominio exclusivo de seitas, repellindo a idéa convencional de fronteiras que nos fazem ver como estrangeiros e inimigos os habitantes que se fixam além do territorio por nós habitado, mostrando os males decorrentes de praticas supersticiosas e os inconvenientes do fanatismo e do erro, a Maçonaria tem sido um elemento propulsor da Liberdade, á cuja sombra, se se tem como dizia Madame Roland, commettido muitos crimes, o sangue derramado em seu nome tem sido o humus fertilizante de idéas nobres e de sentimentos generosos, de principios humanitarios e d'outras sãs. Pelo progresso livre e pacifico, havemos de chegar a formular o direito eterno e universal que garantirá o desenvolvimento das faculdades do individuo.

E' pela Liberdade que o homem tem assegurado o seu pequeno quinhão de felicidade na terra. E' ainda por meio della que, estendendo a todos direitos que eram privilegios de poucos e garantias que eram asseguradas a

um reduzido numero, conseguiremos a igualdade que outras distincções não vê além das oriundas da virtude e do bem.

Com estes dois principios fundamentaes do liberalismo moderno desbastam-se as asperezas da alma, attemnam-se as violencias da força, edificam-se as qualidades superiores do espirito e tem-se enfim a Fraternidade como a mais elevada expressão da solidariedade. Intimamente imbuidos desta concepção, norteamos as nossas tendencias espirituaes para o desenvolvimento integral de nossa especie, abdicando de pessoas para encliegar a Ordem como a personificação do mais sublime ideal humano.

Todas estas instituições mysticas que se encontram na Maçonaria são communs a todas as religiões antigas, que, como ella, tiveram uma só e mesma origem.

Muitas das solennidades, que formam a base da maior parte dos graus maçonicos são a commemoração da historia judaica, desde o Egypto, Deserto e Babylonia, até a restauração politica dos israelitas. Todos os mysterios antigos eram a figuração do sol e o Hiram dos maçons tem manifestas analogias com o Jesus dos christãos e com todos os herões da antiguidade.

Os nossos Templos são uma recordação viva desses tempos. O olho collocado no Oriente e a representação do Grande Architecto que preside os destinos dos mundos e as estrellas encravadas ao redor não são mais que a figuração do universo. O sete braços do candelabro que illumina a mesa de trabalhos e os sete planetas. A cruz, objecto hoje de adoração em todo o mundo, um antiquissimo symbolo maçonico. A sua veneração entre diversos povos data de seculos anteriores ao christianismo e é um dos symbolos mysticos mais espalhados. Foi objecto de adoração de povos que jamais soffreram a influencia das idéas christãs.

As pesquisas archeologicas não nos indicam com certeza a sua origem. E', entretanto, muito provavel que o apparecimento do fogo sobre a face do planeta tenha sido feito pelo attrito de dois pedacos de pau em forma de cruz.

Leio na *Psychologia do Christianismo* que dois pedacos de pau o produzem, nascendo a centelha divina no momento em que a parte ponteguda penetrou a outra formando uma cruz, que longe de ser um instrumento de opprobrio antes da civilização christã, era um instrumento sagrado. Assistindo ao apparecimento do fogo, sem o poder explicar, é facil de imaginar o gesto de admiração que esse phenomeno produziu na mente rudimentar de nossos ancestraes. O facto o feriu profundamente e os paus dispostos em forma de cruz passaram a ser cousa sagrada e de reverente adoração. Gravou-os em pedra, e assim os vemos em monumentos antiquissimos, quando ainda não eram conhecidos o ferro e o bronze.

Foi um dos mais velhos symbolos de adoração entre os povos prehistoricos e segundo nos afirma o Dr. Phéné, não era com toda certeza um emblema secundario e accidental, mas um objecto de profunda adoração.

Achamol-o, continúa elle, com o character de symbolo religioso nos quatro grandes continentes. Sem querer relembrar todos os povos antigos, basta olhar para a China, onde a adoração da machina de fazer fogo remonta a 2.953 annos antes de nossa era, no reinado do imperador Fu-Hi. No Egypto, apparece ella nos vasos consagrados ás cerimoniaes religiosas, nas vestes dos sacerdotes, no pescoço dos guerreiros e nas mãos da divindade. Era tambem symbolo graphico do alphabeto egypcio e representava o emblema da vida. Na Assyria, na Phénicia, na Africa, e na America pre-historica, a sua presença symbolizava o fogo. Nadaillac conta-nos que a encontrou esculpida nos templos de Palanque e nos monumentos de Cuzco e quando Grijalva desembarcou nas costas de Yucatan sentiu-se admirado de encontrar o symbolo de sua fé dominando nos templos indigenas.

A quem que mostrava a Tertuliano que os pagãos veneravam o signal

da cruz, elle resp
tecipadamente lhe
travar os progres
era uma interve
christã, e o pad
politico de De
vorecerem por

No occi
era christã e f
o testemunho
faz admirar q
desde os seus
por terem os
dições arian
Fe e

cruz.

Até ent
formou. Ao
sus, o sup
to assim c

No
cruz: o s
tempo de
mando n
hoje lhe
abertos

ficação
presen
poude
philos

tacar
vra J
por
ava
trad
da v
diz
q
es

pe

d

s

t

da cruz, elle respondeu que aquillo era uma machinação do demonio que antecipadamente lhes havia suggerido esse culto para perturbar os christãos e entrar os progressos da fé. Para elle, o signal da cruz, antes do christianismo, era uma intervenção do diabo, dirigida perfida e prematuramente contra a fé, christã, e o padre Ansult o explica dizendo ser, pelo contrario, um estratagemma politico de Deus para preparar os espiritos a venerarem esse signal e a favorecerem por este modo os progressos da futura fé.

No occidente, a sua introdução remonta talvez ao seculo XVI antes da era christã e foi provavelmente obra dos povos arianos. O seu uso, segundo o testemunho de Milloné, não era conhecido na Judeia, o que de algum modo faz admirar que tenha sido adoptado pelo christianismo como symbolo religioso desde os seus primeiros tempos. Malvert só acha explicação para este facto por terem os christãos encontrados este signal mystico fazendo parte das tradições arianas que formam o fundo das doutrinas do evangelho.

Foi como o emblema do fogo que os primeiros christãos adoravam a cruz.

Até então não era o instrumento de supplicio em que mais tarde se transformou. Ao tempo em que os Evangelhos asseguram ter se dado a morte de Jesus, o supplicio usado era a fôrca e a palavra crucificar significava enforcar tanto assim que os gentios chamavam o *enforcado* o deus dos christãos.

Nos primeiros tempos do Christianismo não se via Christo pregado á cruz; o symbolo ali visto representando Deus era o cordeiro que só muito tempo depois, após terminantes recommendações de bispos, foi se transformando na figura de Christo, que só pelo seculo XII apparece na attitude que hoje lhe reconhecemos; pregado na cruz, com a cabeça inclinada, os braços abertos e as pernas vergadas sob o peso do corpo.

Historicamente, não se pôde negar que a cruz seja um symbolo pagão.

A propria inscripção nella gravada, diz Malvert que lhe precisa a significação. As iniciaes ali vistas J. N. R. J., alternativamente pronunciadas, representam não uma crença religiosa, mas uma serie de formulas que correspondem a interpretações diversas, ou aos symbolos astronomicos, physicos ou philosophicos fornecidos pela legenda de Hiram.

Entre as diversas interpretações que dellas encontramos, podemos destacar a que confunde estas quatro letras com o telegramma hebraico da palavra Jehovah; a que vê nellas uma allusão ao supplicio de Christo e as traduz por *Jesus Nazarenus Rex Judæorum*; a que descobre a formula *Igni Natura Renovatur Integra*, isto é, a natureza inteira se renova pelo fogo. Esta ultima traducção é uma allusão ao symbolo astronomico do sol, ao symbolo physico da vida, ou ao symbolo philosophico do trabalho humano. Os padres jesuitas dizem que aquellas letras significavam *Justus necura reges impio* e os maçons querem que ellas sejam o *Iudæo nro repellamus ignorantiam*, isto é, por um esforço infatigavel combatemos a ignorancia.

O pelicano que figura ao lado da cruz dos Cavalheiros Rosa—Cruz personifica a dedicação e o amor que devem reinar entre os maçons.

A' semelhança da sociedade profana, que symboliza a Justiça por uma deusa vendada tendo em uma das mãos uma espada e na outra uma balança suspensa, o nosso esquadro, emblema da rectidão e do direito, exprime exactamente a mesma idéa.

Como o advogado, o diplomata ou o juiz, os maçons possuem insignias annunciadoras dos seus elevados graus e o nosso veneravel, ao presidir os nossos trabalhos, usa especiaes distinctivos. Estes symbolos suggestionam de modo sympathico a attenção dos iniciados. O povo na sua sabia philosophia diz que *o haluto faz o monge* e exprime com isto uma exactidão. O modo de trajar do individuo tem uma grande influencia sobre os seus semelhantes. Não precisamos conhecer uma pessoa para lhe dispensarmos certo tratamento de respeito e cercamol-a de attensões, desde que se nos apresente

com trajes custosos e ricos. Enquanto deixamos passar despercebido um honrado operario anonymo, não nos passa sob os olhos sem ferir os sentidos as delicadas plumas de um chapéo usado por pessoa de reputação duvidosa. E' factó indiscutível a influencia suggestiva da roupa no espirito da multidão. Ella revive particularmente todo o valor da classe que a usa. Um padre sem a batina é um individuo sem a auréola de respeito em que o vulgo o envolve. Habitue-se o povo a vê-lo, como vê os demais homens, que a fé sofre abalos. A tradição da batina é o maior sustentaculo da religião. O padre é uma força, não porque seja homem, mas pelo traje que enverga. Disponho da batina e o povo o verá como a nós outros cheio de vícios e defeitos, de imperfeições e fraquezas.

Os ministros de Deus comprehendem perfeitamente bem a necessidade de conservar o seu uniforme. Quando a revolução franceza pretendeu, como uma medida de hygiene e gosto, constringer o clero a vestir-se como todos os homens, o protesto então levantado foi dos mais vehementes, por ser tal medida considerada um attentado fundamental á propria essencia da organização religiosa do catholicismo.

O que se observa no padre em tão grande escala, vê-se em ponto pouco menor em todas as outras profissões.

Os bordados de uma farda influem sobre o individuo que a enverga, como sobre as multidões que os admiram. O garbo, o *plombé* do militar fardado, é expressivamente característico. Sem a farda, os seus galões não têm a nobreza da força que synthetizam; a sua marcha não tem a mesma cadencia disciplinada; os seus movimentos perdem a presteza e o ouvido não acompanha a voz de commando. A qualidade de soldado superpõe-se a todas as outras.

O povo diz: lá vem um soldado — e não — lá vem um homem, para indicar que ha differença entre soldado e homem.

A roupa individualiza a classe. Desapparece o homem para surgir o representante de uma classe.

Ampliando este conceito dito dos individuos, teremos a mesma cousa tratando dos povos.

Nada certamente significaria um pedaço de panno drapejante no arsenal não accordassemos em ver nelle o pudor, o brilho e o valor de toda a nossa nacionalidade; se a sua presença não nos recordasse todos os feitos immarcescíveis de nossa historia; se nas suas tremulações no azul immaculado dos céus não se agitasse a propria patria adorada e querida.

A nossa bandeira é a encarnação viva de nossa Patria. As suas côres traduzem as nossas aspirações, os nossos votos e os nossos anhelos. Tocá-la, é ferir todas as nossas susceptibilidades e despertar todos os nossos brios. Motejá-la, é escarnecer da Patria e humilhar todos os nossos sentimentos pundonorosos.

Por mais inesthetica que a olhos estranhos se pareça, é sempre para nós um objecto querido, com as bellezas que a nossa imaginação lhe empresta. Presos a ella pelos mesmos sentimentos que nos ligam aos nossos entes mais caros, não ha bandeira feia. Atravéz dos olhos do nosso espirito, ella é a patria e a patria nunca é feia.

Reflecte sempre um canto do céu, um pedaço de floresta, uma nesga brilhante do sol que anima e fecunda a terra em que nascemos. Toda ella é um hymno cantando a nossa alma e arrastando-nos para a vida, para o amor e para o progresso. Memora as harmonias de nossas aguas, a placidez de nossos lagos, os rumores de nossos rios, a pureza vivificante de nossos campos e a grandeza ululante de nossa natureza.

Com isto que já vai longe e que parece vos ter sufficientemente aborrecido, creio haver explicado a razão por que usamos certos signaes e temos certas divisas.

Daqui não levarei familiar quando me vieristes noção falsa, nem dos. A missão da não prima pelo avult daquelles que nos co-

Vivemos cerca já ter desaparecido, de persistencia e a le- tas vezes secular.

Dá-nos, ao o Approximando-nos encostou o ouvido na sua criadora e grandiosas lutas verdade. Cada u o oceano a repell salugens, as alg persistentes e ten os vícios e as p A Maçonaria vir çando os seus é uma bonança justos, que na to das grandes

Daqui não levaréis nenhuma ideia nova além daquillo que já vos era familiar quando me viestes ouvir, mas tambem vos affirmo que não adquiristes noção falsa, nem conceito inexacto sobre nenhum dos pontos abordados. A missão da nossa propaganda, tendo a verdade como base unica, se não prima pelo avultado numero de adeptos, recommenda-se pelo luzimento daquelles que nos cercam.

Vivemos cercados de symbolos; alguns delles concordo que deviam já ter desaparecido, mas os senhores conhecem os effeitos do phenomeno de persistencia e a lentidão requerida para se transformar uma instituição muitas vezes secular. Isto, entretanto, em nada deforma as bellezas da instituição.

Dá-nos, ao contrario, a sensação adoravel de voltarmos ao passado. Approximando-nos de seus symbolos, se não ouvimos, como o poeta que encostou o ouvido ao cortex do tronco gigante, as lãs harmoniosas da seiva na sua criadora e triumphal circulação, percebemos, todavia, os rumores das grandiosas lutas empenhadas através do erro pela soberana conquista da verdade. Cada um delles vale por um documento de valor antigo e como o oceano a repellir de suas entranhas no seu titânico labor os lichnes e as salsugens, as algas e os detricitos, representa no seio das sociedades a luta persistente e tenaz da virtude contra as impurezas, da verdade contra o erro, os vicios e as paixões humanas. Venerar o passado é amar os homens. A Maçonaria vindo de um longinquo passado, radiando no presente e avançando os seus principios pelos seculos a dentro por um futuro mui distante, é uma bonançosa fonte de onde se abeberão com proveito os bons e os justos, que na contemplação dos seus symbolos, quizerem admirar o progresso das grandes verdades de civilizações desaparecidas.

A pologo

(Prosa de Machado de Assis)

Era um dia uma agulha convencida
De ser desventurada,
Egual á muita gente nesta vida
Que muito faz e é mal recompensada,
Que disse altivamente
Para um novello alvissimo de linha:
— «Pensa você que é grande cousa? . . . Gente!
Tem-se a conta de rei junto á rainha! . . . »

E elle:—Deixe-me, peço por piedade!
— «Não deixo-o, não, senhor!
Quero, com toda a minha seriedade,
Mostrar seu pequenissimo valor . . . »
—Mas, senhora, por Deus!
Não me aborreça mais, não me aborreça!
— «Nada! falarei sempre; os rógos seus
Jamais dominarão minha cabeça.»

— Que tortura, senhora, que tortura!
Olhe, veja-se bem . . .

E' você alfinete por ventura?

Pese o que diz, repare no que tem.

— «Reparar! . . . mas você

E', na verdade, até muito orgulhosa . . .»

— Lá isto sou, não nego. — «Mas, porque?»

— E' boa! Simplesmente porque cose.

Os vestidos e enfeites de nossa ama,

Quem os cose? Portanto . . .

— «Você? Humm'esta agora até me inflamma . . .»

Você, de facto, enlouqueceu, garanto.»

— Não! (responde o novello)

Vecê fura o setim, fura o velludo,

Eu é que cose, junto, e, com desvello.

Dou feição aos babados, prendo tudo,

— «De que, porem, isto lhe serve? Eu, sim,
Sou grande, vou adiante;

E lhe aponto o caminho que, por fim,

Você tem de seguir . . .» — Quanto é pedante!

Tambem os batedores

A' frente sempre vão do imperador . . .

Entanto, elle é que vive sobre flores,

Da nobreza no maximo esplendor.

— «Imperador, você? . . . Eu não sabia . . .»

— Imperador? perdão!

Mas a verdade é que você é guia,

Faz um papel que eu não fazia, não . . .

— «Jesus! quanta grandeza!»

Estavam nisto mais ou menos, quando

A' casa da formosa baroneza

A costureira, alegre, foi entrando . . .

(Não sei se disse qu'isto se passava

Em casa de uma linda

Baroneza, que muito se orgulhava

De viver n'uma ostentação infinda.)

E, entrando, apura a vista

E a linha enfia então na agulha ufana . . .

E cil-as nos dedos ageis da modista,

Mais ligeiros que os galgos de Diana . . .

— «Então, senhora linha, ainda teima
No que dizia há pouco?
Que tal o ciúme ardente que lhe queima,
Tornando-o quasi em nada, o sonho louco?
Veja, repare que esta
Distineta costureira só se importa
Comigo; eu é que vou, serena e lesta,
Juntinha á sua mão que me conforta.»

A linha nada respondeu-lhe, nada. . .
Acompanhando a agulha,
Ia bem satisfeita, ia calada.
Sem de leve fazer a menor bulha.
A agulha, vendo isto,
Tambem calou-se e foi andando. E tudo
Era silencio na saleta, visto
Que até mesmo o relógio estava mudo.

Cosendo esse vestido, a costureira
Gastou uns quatro dias:
E ficou esperando a alviçareira
Noite do baile, plena de alegrias. . .
Quando essa doce e loda
Noite chegou, vestiu-se a baroneza . . .
É a costureira, a indireitar-lhe a sêda,
Tudo ajustava com delicadeza.

— Agora, neste corpo, disse a linha,
Quem é que vai fruir?
Vamos! quem é que fica na caixinha
Da costureira, que já vai dormir?
É toda entusiasmada:
— Quem é que vai dançar com diplomatas,
Enquanto, aqui, você fica deitada
No balaio de alguma das mulatas? . . .

A agulha não falou: mas um alfinete
De grande experiencia,
Que estava pregadinho no corpete,
Disse, por conhecer esta existencia:
— Abriste-lhe caminho,
E agora, altiva, ella é que vai gosar . . .
Tola, faz qual faço: ando sósinho,
E onde me espetam fico a descansar.

Ao contar esta historia, um bello dia,
 A um velho professor,
 Velho e versado na philosophia,
 Elle me disse: — Creia, meu senhor,
 Tudo que lhe hei ouvido
 É uma verdade enorme, extraordinaria;
 Eu de agulha tambem tenho servido
 A muita linha pessima, ordinaria.

Antonio Chaves

Os Burgos

Aquelle velho alvo, formoso, de longa barba branca, que passava silencioso e risonho, com um pequeno embrulho debaixo do braço, teve uma mocidade brilhante e terna e pestuosa. Foi rico e um dos mais festejados peralvilhos de seu tempo. Passára longos annos na Europa estudando e recebera uma aprimorada educação litteraria e artistica. Fallava diversas linguas, era musico e pintor. A todos estes dotes, juntava o de uma grande belleza, de uma bondade infinita sem affectação. Tudo nelle transpirava bondade. Seu genio angelico a todos captivava. Suas maneiras eram tão singelas, que ninguem lhe podia resistir. No infortunio, ja velho e pobre, ainda tinha no rosto esse condão, que lhe era peculiar, de captivar os corações. Quem o via passar, curvado ao peso da idade e dos terriveis soffrimentos, olhava-o com piedade e respeito.

Nem os moleques, que gostam de infernar todos os infelizes, o desrespeitavam, quando elle passava, velho e pobre, com o rosto emoldurado na sua longa barba branca, com o embrulho inseparavel debaixo do braço, caminhando lentamente ao peso dos annos e dos soffrimentos.

Elle morava na rua de S. Pantaleão, na ultima casa á direita, de quem sobe para o largo. Morava, agora, só com as suas tremendas recordações e dolorosas saudades.

Trinta an
 feliz, morava
 uma irman,
 moraes e inte
 como era co
 costumava
 dia da fest
 em casa, e,
 animado ba
 sabiam ag
 do que el
 Apa
 dois irmã
 ciedade

Ao
 tando
 pavam.

elles
 que
 pond

Esta

dão

rep

e

A

de

m

Trinta annos antes, ainda no frescor da idade, rico e feliz, morava nessa mesma casa, que fora de seus paes, com uma irman, d. Christina Burgos, senhora de elevados dotes moraes e intellectuaes, muito formosa e prendada. O Burgos, como era conhecido, era celibatario e religioso. Em sua casa costumava fazer novenas, que eram muito concorridas. No dia da festa, mandava rezar uma missa na capella, que tinha em casa, e, depois, havia um lauto banquete, arremato n'um animado baile. Ninguem melhor que o Burgos e d. Christina sabiam agradar e captivar seus convidados. Ninguem melhor do que elles sabiam organizar uma festa religiosa ou profana.

Aparentados com as melhores familias do Maranhão, os dois irmãos eram muito frequentados e relacionados na sociedade maranhense.

Aos poucos, porem, elles foram resumindo as festas, cortando as relações, solando-se no grande predio, que occupavam, á rua de S. Pantaleão.

Afinal trancaram as portas mesmo aos parentes. E' que elles se amavam e viviam entregues á felicidade desse amor, que os absorvia completamente. O Burgos, algumas vezes, ponderava á irman:

—Sinhá, este nosso retrahimento não dará que fallar? Esta solidão, em que vivemos, não te pesa?

—Absolutamente, não. Compraz-me viver isolada na solidão desta casa. Que me importa que os outros, os do mundo, reparem no nosso isolamento? Não tenho satisfação a dar-lhes e não me importa que fallem de nós. Que se rasguem de fallar. A minha unica felicidade é estar só contigo, segregando te de todos, para só eu ter a ventura deste meu amor, que nem tu mesmo podes medir a intensidade e ardencia.

—Dizes bem. Porque haviamos nós de nos privarmos da nossa felicidade por causa da maledicencia desta sociedade, que abandonamos e de que não carecemos? Deixemol-a com as suas maldades. Vivamos para o nosso amor, para esse amor que faz de minha vida um eden de delicias divinalmente immortaes.

—Como te amo, não seidizer-te, por que não encontro na

linguagem humana uma palavra que possa exprimir essa mistura de alvoroço e de calma, de ancias e de ternura, de desejos e de delicias que me fervilham n'alma. Amo-te, principalmente porque sei que o mundo te amaldiçoa. Tu me amas tambem assim, não é verdade?

—Certamente.

O Burgos pegou-a pela cintura e fel-a sentar-se nas suas pernas e encarou-a e beijou-a com frenezi. D. Christina enlaçou-o pelo pescoço e esteve abraçada com elle, mudos, offegantes, alguns minutos. Depois, ella levantou-se e abriu o piano. O Burgos acompanhou-a com o olhar enternecido.

—Toca! pediu elle.

Ella voltou-se para elle rindo-se:

—Prefiro ouvir-te.

D. Christina teria vinte e cinco annos. Era alva, esbelta, alta; tinha os olhos grandes e negros, cabellos negros, bocca pequena, dentes admiraveis. Era uma mulher bonita. Tinha muitos traços de semelhança com o irmão e a mesma bondade angelica no semblante. O Burgos era de estatura regular, um pouco cheio do corpo. Tinha os cabellos pretos e nazarenos. Era tambem um bonito rapaz.

Ergeu-se, sentou-se ao piano e tocou um trecho qualquer com uma encantadora expressão.

Tocou pouco e voltou para a preguiçosa onde estivera sentado. D. Christina sentou-se ao lado d'elle. O Burgos disse:

—Ha cinco annos que nos amamos e vivo tão enlevado no teu amor, que não tenho notado o escoar do tempo. A gente quando é feliz, realmente, não vê o tempo passar. Quando penso que podia ter sido feliz a mais tempo, fico cheio de immensa tristeza. É como foi que nos amamos?

—Desde pequenos nos amámos.

—Como irmãos.

—Como irmãos a principio. No dia que chegaste da Europa, depois de tamanha ausencia, eu senti por ti um estranho affecto, que nunca mais acabou e, ao contrario, foi sempre crescendo dia a dia com a impetuosidade de uma enchente. Era o amor, Neneq, o amor que devia dulcificar-me a

vida inteira, abso-
lheres. Eras tã-
conter-me dentr-
todas as paixões
do. Que me imp-
gonha, a desho-

—Reluct

—Reluct

bem, por pud-
ções do mun-
occultei cous-

—Sei

tamos, debr-
que nos att-
raços e o r-

Os d-
dos algun-
approxim-

—E

—C

—v

O

famoso
um inc-
grisalh-

D

da su-
um g-
versa-

do E-
som-

co,

tan-

glo-

bo-

ta-

ta-

OS BURGOS

vida inteira, absorver-me a alma, fazer-me a mais feliz das mulheres. Eras tão bello, tão amavel, tão bom, que não pude conter-me dentro dos limites do amor fraterno... Amei-te com todas as paixões da minha carne, como a esposa ama o marido. Que me importava, na minha paixão carnal, o crime, a vergonha, a deshonra?

— Reluctaste tanto!

— Reluctei sondando minh'alma e sondando a tua e, tambem, por pudor, com medo de affrontar as iras e as maldições do mundo. Bem sabes de tudo isto, porque nunca te occultei cousa alguma.

— Sei e foi uma lucta terrivel a que, ambos nós, sustentamos, debruçados no carel desse abysmo insondavel e fatal, que nos attrahia. O amor verdadeiro rompe todos os embargos e o nosso, que era verdadeiro, triumphou de tudo.

Os dois irmãos riram-se amorosamente e ficaram calados alguns instantes. O dia ia alto. A hora do almoço se approximava. Bateram palmas.

— E' o Tinoco, disse d. Christina, levantando-se.

— O Tinoco é um relógio certo, disse o Burgos.

— Vou mandar tirar o almoço, disse d. Christina sahindo.

O Burgos foi abrir a porta e, na sala, entrou o Tinoco, o famoso gastrônomo, que o Maraphão inteiro conheceu. Era um individuo baixo, cheio do corpo, barrigudo, moreno, ja grisalho. Andava sempre de chapéu de pello branco.

Distinguia-se pelos seus porneios, pelo desregramento da sua vida, pela sua gastronomia. Era um verdadeiro alarve, um glutão infartavel. Almoçava e jantava diariamente em diversas casas. Muita gente dava-lhe almoço ou jantar no hotel do Porto, então á rua Grande, esquina da travessa do Theatro, somente pelo gosto de velo comer com a ganancia de um porco, mastigando, devorando pratos sobre pratos. O Tinoco era tambem notavel na pornographia. Sabia quanto verso, quanta glosa immoral andava por ahi alem, correndo de bocca em bocca, em copias, na impossibilidade de serem impressas. Gostava de recital-os com emphase e modos acanalhados. Era tambem ebrio. No vicio era completo.

Andava sempre fumando e tinha o habito de fallar muito na emcima da gente, lançando-nos o bafô, tresandando cachaca no rosto, ao rosto. Um typo singular, o Tinoco. Fora estudante e sabia algumas phrases latinas, a unica cousa, que lhe restavamos dos estudos. Agora, tendo esbanjado a bonita fortuna, que o pae lhe deixára, vivia na indigencia, comendo pelas casas a lheiias, vestindo roupas usadas e exercendo o cargo de enxotaes da Sé. Gordo, balofo, sempre suado, o Tinoco era um typo inconfundivel. Costumava conduzir, dentro do chapeu, bananas, pedaços de linguiça, de queijo, de lombo assado, bolos, tudo que ia ajuntando pela rua nas suas visitas. Entrou com o chapeu na cabeça e sentou-se no sophá, alimpando o rosto com um grande lenço de chita encarnada, usado pelos tabaquistas. Corria o mez de Março, de chuvas torrencias e de calor asphyxiante. O Tinoco, que morava para os lados dos Remedios, tinha que fazer um grande trajecto a pé para chegar a casa do Burgos.

— Hoje quasi perdes o almoço disse este. E perdis realmente, uma grande cousa, porque temos uma peixada especial. Verás.

— Mas cheguei a tempo, ponderou o Tinoco, dando um estalo com a lingua no ceo da bocca. Felizmente. Já está passando a hora do almoço. Ha muito o relógio da Sé deu 10 horas.

— Temos, hoje, um conviva para a peixada.

— Mau! rosnou o Tinoco.

— Não te assustes. atalhou o Burgos rindo-se. O peixe chegará para todos e, demais, o nosso conviva é um pobre diabo que não sabe comer.

— Quem é?

— O padre Maia.

— Um desgraçado, de estomago de ran, murmurou o Tinoco desdenhosamente.

O padre Maia entrou. Era um individuo de estatura regular, amulatado, magro, feio, celebre pela sua estupidez. Levou estudando o latim talvez cincoenta annos e nunca poudo ordenar-se por não saber traduzir a mais simples phrase la

Era capellão
pelava de batina e
No mais, mu
Cantava a
O Tinoco o
— Estive oc
Pois van
O Burgos
saram por ella
tenção da casa
des quadros r
passaros pela
Não hav
to. Os tres
na, muito m
ras de dona
rinas, as m

Sr
— U
— P
sua, seu

O
era um
um act
O

fallou

vora
te a

po

to

Era capellão da Sé. Chamavam-no padre Maia e elle andava de batina e tinha grande prazer em ser assim chamado. No mais, muito procurado para cantar novenas, tirar terços. Cantava a ladainha em latim.

O Tinoco o censurou pela demora.

—Estive occupado na Sé, explicou o padre.

—Pois vamos almoçar, convidou o Burgos levantando-se.

O Burgos dormia na alcova pegada a sala de visita. Passaram por ella para a sala de jantar, que occupava toda a extensão da casa, muito confortavel, muito arejada, com grandes quadros religiosos e profanos pelas paredes, gaiolas de passaros pelas janellas, misturadas com trepadeiras.

Não havia luxo; mas tudo indicava abundância e bom gosto. Os tres sentaram-se á mesa, onde ja se achava d. Christina, muito meiga, muito risonha, á cabeceira, fazendo as honras de dona da casa. As escravas traziam os pratos, as terrinas, as molheiras, a galheteira, as coités de farinha d'agua.

—Sinhá, disse o Burgos, sirva essa enxova ao Tinoco.

—Uma só? protestou este.

—Por ora, disse d. Christina rindo-se. Esta terrina toda é sua, seu Tinoco. Pode comer a vontade.

—Ah! Isto, sim.

O Tinoco, quando comia, não conversava, allegando que era um acto de estupidez e falta de educação não levar a serio um acto de tamanha magnitude.

O Tinoco devorou a terrina de peixe e perguntou:

—Não tem mais? Esta era a peixada de que você me fallou, Burgos?

—Não te zanges, rapaz. Ahi vem mais peixe. Si devorares esta, ainda terás outros pratos de carne. Verás. Não te afflijas e come a vontade.

O padre Maia, que comia muito pouco, cruzou o talher e poz-se a contemplar o Tinoco, cheio de immensa piedade.

—Ainda o não tinha visto comer, padre Maia? perguntou d. Christina.

—A inda não, senhora dona.

—Pois, então, veja, rosnou o Tinoco mastigando.

Os donos da casa tinham, tambem, cruzado os talheres mas o Tinoco, invencivel, continuava a devorar tudo quanto apparecia na mesa. Devorava as comidas e bebia o vinho. Havia exgottado tres garrafas,

— Este assado está esplendido,

— Já comeste este lombo de porco?

— Lombo de porco? E' a minha especialidade. Bote um pedaço, aqui, disse o Tinoco estendendo o prato ao Burgos,

Este recebeu o prato e deu-lhe o prato de lombo de porco. O Tinoco mandou servir-lhe arrós e fez uma farofa de farinha d'agua e poz-se a comer com a mesma voracidade do começo. Parecia que, agora, quebrava o jejum.

— Que tal? perguntou o Burgos.

— Uma delicia.

Limpo o prato, o Burgos offereceu ao Tinoco uns bifes. O Tinoco devorou tudo. Chegou a vez de uma galinha de molho pardo. O Tinoco devorou-a. Veio um picado de carne secca com quiabo e abobora. O Tinoco devorou-o. Foi a vez de umas linguigas fritas. O Tinoco devorou-as com a porção da farofa da gordura. Comeu umas bananas, um pudim de pão, uma lata de doce de goiaba com queijo e mais uma porção de mel de engenho com farinha. Por cima de tudo, uma grande tijella de coalhada.

— E's um alarve, Tinoco, murmurou o padre Maia, benzedo-se horrorisado. Assim, nem um porco.

— Tu és um bobo, collega! replicou o Tinoco. Bobo e doente. Só um doente é como tu. Bebicas, não comes. Sou capaz de apostar que estás indigestado só de ver-me comer e embriagado de ver-me beber. Quanto mais si me visses comer com disposição.

— Ainda comes mais? perguntou o padre Maia admirado.

— Muito mais, affirmou o Tinoco, rindo-se. Hoje, com este, é o terceiro almoço.

— Não creio.

O Burgos interveio:

— Pode crer, que é exacto. Na festa dos Remedios do anno passado, um individuo, que tinha um botequim, annun-

ciou dar jantar com vinho por cinco mil reis. O desembargador Braga prendeu o Tinoco em um quarto, sem comida, durante o dia inteiro.

A noite levou-o para o largo e mandou-o comer. O Tinoco limpou tudo, doces, bolos, fructas e comidas. Bebeu tudo, cervejas, vinhos, licôres e até o café. O pobre hoteleiro poz as mãos na cabeça.

Pagaram-lhe os prejuizos os que assistiram o jantar pantaguelico do incomparavel glutão e o hoteleiro, no dia seguinte, por baixo do annuncio, acrescentou:

Menos para o Tinoco!

O padre Maia olhava para o monstro horrorizado. Eo Tinoco contava suas praezas, suas victorias gastronomicas. Cozas incriveis. Bebendo por cima da comida uns seis copos d'agua e umas seis chicaras de café, o Tinoco, de charuto a bocca, todo ancho e arrotando deliciosamente, despediu-se e sahio.

O padre Maia estava então estudando grammatica latina e grammatica portugueza com o Burgos. As lições eram sempre das tres para as quatro horas; mais nesse dia, como estavam ali, o padre pediu ao Burgos que tomasse a lição, para poupar-lhe o incommodo de voltar a tarde.

O Burgos anniu e foram para a sala.

— Onde ficamos no ultimo dia de lição? perguntou o Burgos.

— Em generos.

— Onde?

— Em canis, canis, o cão ou a cadella respondeu o padre.

O Burgos soffreu uma gargalhada e emendou:

— Canis, canis, o cão ou a cadella.

O Burgos explicou como pôde a lição, procurando simplificar o mais possivel as regras tão concisas e claras da arte do padre Antonio Pereira.

— Entendeu? perguntava no fim de cada explicação,

— Perfeitamente, respondia o padre Maia.

Passaram a lição de portuguez.

— Onde ficamos?

— Nos verbos.

O Burgos explicou pela mesma maneira a lição. O padre Maia confessava ter compreendido tudo perfeitamente. Sabiu. Voltou da porta da rua e perguntou:

— E' sábia, sabia ou sabiã?

— Sábia! disse o Burgos rindo-se.

O verbo é sabia. Não sabe que sabiã é um passaro? Sábia é o feminino de sabio, um homem que sabe muita coisa.

— Como o senhor?

— Como eu, não: como o bispo e o presidente.

— E o velho Sotero?

— Também é sabio.

— No latim?

— Sim.

O padre Maia sabiu murmurando baixinho: sabia. E não voltou da porta da rua. O Burgos dizia rindo-se a irman, que acabava de perguntar-lhe pelo discipulo e ajuntava:

— E' uma criatura boa e pura, este padre Maia. A sua unica paixão neste mundo é a tonsura e é pena não poder recebela por causa da sua estupidez.

— Mas é admiravel, porque elle tem excellente memoria, disse d. Christina. Elle sabe quanto benedito, quanto ladainha ha por ahi e reza tudo, que é em latim, em latim. Porque, ao menos, não decora a grammatica?

— Elle não tem memoria. Sabe tudo isto pela pratica.

— E' longa tambem a sua pratica no estudo da grammatica.

— Realmente. Talvez uns trinta annos.

E riam-se commentando, as anedoctas do velho candidato ao sacerdocio. De pois, o Burgos deitou a cabeça no collo da irman e ella poz-se a matar-lhe cafunés. O Burgos pegou no somno. Era um habito velho, adquerido na intimidade marital em que viviam. A moça matava-lhe carinhosamente o cafuné em quanto elle dormia calmo, com o rosto para cima, a bocca um tanto aberta, respirando tranquillamente. Uma hora depois, d. Christina acordou-o com um amoroso beijo.

— Basta de preguiça, preguiçoso, disse ella.

O Burgos

— Para que

— Não go

— Como

maltratada,

— Tenho

— Como

minh'alma!

O Burgos levantou-se estremeando.

— Para que me deixaste dormir tanto?

— Não gostas de dormir a sesta?

— Como és boa! Mas, deitado em tua perna, deves ficar maltratada.

— Tenho gosto nisto.

— Como és boa! Como es bella! És um anjo. Sinhá de minh'alma!

Continua

Clodoaldo Freitas

Deixando a orgia

Glorie-se quem quizer da vida errante,
 Não eu, que avara sorte traz-me ao mundo,
 Para um plantão tristíssimo, irritante,
 Como um trapo de horror, monstro e iracundo.

Mais visinho da morte e mais distante
 Da vida, esse terror grande e profundo,
 Mandam que eu vá cavar ouro ou brilhante,
 Armado de alvião, cavando o mundo.

Munho-me de buril, martello e triacha,
 Enxugando o suor em sujo lenço,
 Como quem segue atraz de uma pechincha.

Phase medonha! Esse pesar quem o pinta?
 Ninguem, por certo, e disso eu me dispenso
 P'ra pintalo, Senhor, não existe tinta.

Baurelio Mangabeira

O excommungado

I

Naquelle fim de anno de chuvas escassas, o céu varrido, sem nuvens, tinha a vaga apparencia assustadora da monstruosa cupula de uma gigantesca fornalha em combustão. Soprava um vento de morte, desolado, quente, um vento irrequieto e irritante que passava desvairadamente arrepanhando raras e resequidas folhas que de en-volta com o amarello pó das aridas e amplas planicies escampas arre-messava para o alto em torvellinos desordenados, desesperadamente. Extinguiam-se as «aguadas.» O incendio lavrava nas mattas e campos. Vi-se, de onde em onde, no silencio das noites calmas, profun-damente illuminadas pelos iris tranquillos das estrellas apparecerem aqui e alli, nos cabeças dos morros alterosos, o vulto agigantado das chaminas ensanguentadas que desciam vertiginosamente ora colle-ando os troncos monstruosos de enormes vegetaes cujas frondes ne-morosas empolgavam e consumiam, e ora deitando-se ao sabor do vento sobre vastos e indefesos tabocaes onde tinham um quasi movi-mento de resaca recordando um vasto, nuaantesco mar flammivomo.

Ouviam-se estalos sinistros, revondas assustadas, azas inquietas titalando celeres, silvas continuas . . . Como que a natureza extor-cia-se nos paroxismos de uma agonia estupenda.

Subia o fumo em novellos niveos, plumbeos, multiformes, ondu-lando . . . andulando . . . E os gaviões piavam tragicamente por cima . . . E o gado descia desoladamente cambalhotando na sua compostura tristissima de mumia resequida alongando docemente os grandes olhos soffredores, faminta, a cata dos juazeiros frondosos e das macambiras rasteiras, ou procurando desседentar-se nas velhas «ca-cimbas» extinctas onde não raro succumbia de inanição.

E o capitão José Joaquim da Silva e Souza desesperava na lasti-mosa impotencia de socorrer, de salvar aquelles queridos animaes tão meigos, quasi humanos, que constituíam toda a sua fortuna, o producto da sua actividade e economia, o resultado dos mais doloro-sos trabalhos, das mais arduas vigílias.

Toda a sua fortuna consistia realmente naquella fazenda, nos «Poções» que elle, «com as lagrimas nos olhos,» via agora irremissivelmente perdida, quasi «no casco.» Era para desesperar. Em vão fitava o céu plúmbeo, impassível, que se desdobrava por cima, perscrutando no vazio no illimitado, uma nave, uma só que fosse a precursora da mais remota esperança!

Em vão mandava fazer preces e atirava-se elle proprio de joelhos, mãos postas, olhos contrictos, beatificamente, aos pés das imagens, rezando, esmurrando o peito reteso, rogando ao «Todo Poderoso» que lhe conservasse «seu» gadinho, que lhe não deixasse na miseria! E em vão! Tudo falhava! Tudo parecia conspirar-se contra elle! Cada vez o céu tornava-se mais surdo e inexoravel, o vento mais abraçador e inclemente, a canicula mais causticante, e o incendio mais voraz e devorador!

Isso são artes daquelle negro, dizia elle desconsoladamente referindo-se a um santo de casta de quem, na sua insania fetiche, suppunha ajuar recebendo por ultimo algumas pequenas picardias. E emmagrecia. Perdia as cores, andava bambo, chupado no seu carto de oca esverdeinhada pairava ante um indesejado os olhos espectantes de uma usania insipiente. Passava noites e noites de pé, como um somnambulista «muturar» a «ruminar» o meio que devia alicepor ao mal para evitar a ruina . . . E nesse crescendo de desespero a sua superexcitação chegou a um ponto tal que com a maior irreverencia retirou do oratorio que reponsava sobre a mesinha de um canto do quarto de dormir o seu supposto inimigo, um S. Benedicto que era a mais antiga reliquia da familia, o arago dos Silva e Souza, o santo mais milagroso da redondeza e ante o qual elle habituara-se a curvar-se tantas vezes respeitosa e quando crianças; atirou-o brutalmente para cima do parapeito da varanda e tomando com a maior semceremonia um chicote que pendia de um torço proximo começou a espancal-o selvaticamente por entre os insultos e as blasphemias mais torpes que lhe explodiam desordenadamente da bocca hirta, allucinada.

—Toma! . . . patife! Pois tu pensavas que isso havia de ficar assim; que era só acubares meu gadinho, deixares-me para ali na miseria, «no pó da terra,» como qualquer coisa inutil e ficares depois esgaravutando os dentes, a saborear os «terços» e as missinhas que eu ainda por cima, mandasse rezar estupidamente em tua gloriosa intenção?! . . .

Estás muito enganado, tratante! E com um certa ar impertinente de desprozo e superioridade desdenhosa:—Eu não te dizia . . . eu não te dizia . . . Anda, se és capaz, mexe-te, grita, fize um milagre, chama teus parceiros que eu quero ver quem te acode, bandalho!

E o agoite cahia incessantemente sem que o santo fizesse um gesto, o minimo signal de resentimento. . . . Ficou como estava.—mudo, impassível, sereno, dentro do seu habito de madeira escura

com florzinhas prateadas, o longo cordão esbranquiçado a pender-lhe da cintura e o seu eterno sorriso bonacheirão nos lábios pontados a carimbo. Dir-se-hia que naquella occasião o seu espirito seraphico andava longe, muito longe, nas escarpas montanhosas da Sicília a rever-se, quem sabe! zagalejo a pastorear o gado de Vicente Manaffa; ri—amo de seu pai, ou arroteando a terra, a grande mãe fecunda e creadora; ou entre os cegadores desconhecidos que o crivavam de motejos e de insultos mordazes quando o afamado ermitão Fr. Jeronymo Lago ao defrontal-o na villa de S. Fradello, como inspirado predisse as suas futuras gloria e santidade!

Parecia que o santo ria-se interiormente a essas gratas reminiscencias. Quem sabe! Talvez lhe passasse pela mente ainda a santa convivencia com os ermitões de S. Domingos onde vestira o habito de frade ermitão de S. Francisco e começara o seu noviciado; ou os rigores das penitencias—descoberta a cabeça por mais intenso que fosse o sol e asperos os ventos, arrostando abrolhoas neves quando andava á imitação do glorioso S. Paulo, primeiro ermitão, tão somente coberto por uma espessa tunica que tecera com as próprias mãos, embora reconhecesse que lhe não permittham taes excessos a inelencencia dos ares daquellas terras; ou a communitade solitaria a margem do rio Platani perto da villa de Refandali; ou Mancuba na comarca de Partenico; ou o convento de S. S. da Dama na terra de Marinéo!

E, a perder-se, a enredar-se nos escaninhos encantadores daquellas recordações deliciosas, quem sabe! resvalava-lhe involuntariamente a imaginação para os prodigios estupendos que operara com o simples auxilio de sua extraordinaria virtude de santo! E como numa grande desfilada phantasmagorica passavam talvez ininterruptamente ante os seus olhos em extasis a resurreição do filho de Leonor de Ferro morto estupidamente sob as rodas de um carro, a do filho de Nicolo Ferreri de Palermo, e as curas e extraordinarias resalvadas em d. Lauria Monts—perto irmã do barão de Refandali, em Baptista Lomellini, em André Stangheta e outras... e outras... e outras...

Bons tempos! Ah! antigamente os homens tinham fé. Valia apenas! Hoje em dia... Teve como um sorriso de escarneo. A sciencia mette-se em tudo... explica tudo... Extinguiram-se os milagres... A cegueira humana!... a grande cegueira... ha! já não ha respeito sobre a terra! parecia querer exprimir a sua phisionomia como profundamente tocada de uma rezignação sobrenatural, infinita... Entretanto o capitão José Joaquim da Silva e Souza continuando a esbordual-o: Ah! conhecestes, proseguia desvaicadamente. Agora é que tu has de ver o que é bom.

E, depois de ensebar cuidadosamente, demoradamente, a cabeça do santo, collocou-o no vasto pateo escampo da fazenda onde o sol esbrazeava. Teve em seguida como um riso satanico, frenetico, alluci-

nado E regresou ao avarandado onde a mulher, que só então presenciava o estranho sacrilegio, saiu-lhe ao encontro reprehensiva.

—Vossê está doído, seu Zé Joaquim! Pois vossê teve coragem de fazer uma coisa dessas! Virgem Maria! Que homem!... E ia correr horrizada em socorro do santo quando elle deteve-a brutalmente.

—Não se importe, já ouviu?... já ouviu?... Não tem nada que ver com isso!

—E o castigo, meu Deus do céu! fez ella erguendo os olhos para o alto.

—Cale-se, já lhe disse! E emparrou-a rudemente. A mulher julgando ver qualquer laivo de demencia no brilho sobrenatural de seus olhos delirantes afastou-se choramingando. — Estaria doído!?

E o sol esfuzilava. E um halito de fogo soprava intermitente... Mas, à proporção que o sebo fundia-se na cabeça do santo e cahia longamente como lagrimas silenciosas do rosto sobre as amplas dobras de seu manto rosagante, o oriente cumulava-se de nuvens promettedoras e corria uma viração mais fresca... Ouviu-se um trovejar longinquo, e quasi imprevisadamente começou a desabar o maior «pé d'agua» de que se teve noticia e que iniciou naquelle tempo o grande, o fecundo inverno que ainda hoje se recorda com saudades...

Em breve repontava a babugem, a pastagem crescia exuberante, os correjos limpides murmuravam lençues por entre os vastos palmeirões esguios onde as tribus vastissimas dos chiecos pretos e dos recongos descantavam estridulosamente fabricando minhos, e as trepadeiras ostentavam as suas multiplas rédes de um verde glauco madido matizado de flores que as abellas conquistavam enxameando... O gado medio, sadio, saracoteava nos campos. Voltara a bella fazenda, que mantinha agora um aspecto sorridente, a alegria, a graça exuberante, a grande abundancia dos outros tempos... O berro prolongado dos bezerros voltara a povoar as noites chuvosas de abril com as suas notas melancolicas que casavam-se ao continuo coaxar dos sapos e aos cantos nostalgicos e distantes de bandos e bandos de marrecos que varavam a noite escura. A «parição» duplicara e em breve, a fazenda dos «Poções» tornara-se uma das mais prosperas do municipio. E o capitão José Joaquim da Silva e Souza de uma felicidade rarissima em todos os seus empreendimentos era apontado com o dedo.

— Parece «ter panta», diziaa.

Longos annos passaram; passaram-se invernos, outras secas passaram; uma vasta copia de acontecimentos mais ou menos importantes succederam-se alternativamente sem que nem de leve alterasse a quieta e remansosa paz tranquilla do proprietario dos «Poções».

e nem tão pouco apagassem da memoria do povo a reminiscencia dequelle facto que propalara-se e divulgara-se com todos os fastigos de uma lenda que, a semellanca da que em epocha muito remota en-volvera a tragica historia de um certo Rabbi da Galilêa, só tendia a engrandecer-se e transformar-se a porporção que se afastasse do lugar e do tempo em que se havia realmente criado.

Effectivamente, apesar da absoluta tranquillidade e franca abis-tança em que vivia o capitão José Joaquim da Silva e Souza, creou-se em torno de seu nome uma atmosphera de horror supersticioso que quasi o afastava do convívio e contacto da maior parte dos seus vizinhos. Temiam-no e evitavam-no. E elle sabia! Ah! quantas ve-zes, quantas! não divisoou em seu caminho velhas beatas que ao presen-til-o afastavam-se tremendo, a persignar-se em nome do «Padre, do Filho e do Espirito Santo,» ou a pedirem nama supplica afflictiva que Deus as livrasse do excommungado!...

Attribuam-lhe factos estranhos, coisas exóticas.

Dizia-se que elle todas as quintas-feiras, ás horas mortas ia presidir pessoalmente assembléas exquesitas de homens desconhecidos em encurilhadas suspeitas; que tinha grande affeição a animaes condemnados ao passo que afastava-se ostencivamente dos lugares sa-grados, e quejandas frioleiras supersticiosas surgerisse ao espirito po-pular a sua sarcastica indifferença trocista.

Não se importava. Que o julgassem como entendessem, dizia elle sorrindo. E assim ia vivendo calmamente, pacatamente, sem in-cidentes em sua bella fazenda quando, após um ligeiro resfriamento apanhado imprevisitamente, prostrou-se certo de que nunca mais se haveria de erguer. Jamais soube-se porque elle o affirmara com tan-ta segurança, mas o facto é que foi peorando... peorando... e no setimo dia da molestia, todos, convictos de que se cumpriria fatalmente o seu estranho prognostico, rodeavam-no cuidadosamente quando por toda a casa e sem causa alguma conhecida relou um barulho infernal—as portas bateram todas, ao mesmo tempo com um estrepito horroroso, pare-cia que andavam despedaçando os caoveis, arastando correntes mons-truosas, atirando pesos descommunaes sobre o telhado...

—O que seria?

—Jesus!

—Virgem Maria!

Ficaram todos como assombrados. Pesava um arrepio de me-
do. As luzes tremiam. Havia no ar como aus tons de mysterio; até os mais animosos a covardavam-se.

—O que seria?!...

—Vamos ver!

—Vamos!

E correram atabalhoadamente toda a casa investigando, sem resultado, a causa do estranho ruido.

Todos os móveis estavam nos lugares respectivos. A casa permanecia em repouso. Não havia a menor alteração.

— E esta!

— Realmente!

— O que seria?

— Quem sabe!

— Isso são artes do «tinhoão».

— Qual, o que!

— Não duvide. Olhe que eu tenho visto muita coisa neste mundo velho, não duvide.

— Porque?

— Ora... ora... onde vossê estava? Pois vossê não viu que aquelle barulho deu-se justamente quando o homem fazia o «primeiro termo»?

— E d'ahi?... — Ora, d'ahi é que isso é por causa daquella historia do santo. Vossê não se recorda? Eu nem lhe digo... Concluíram quasi em segredo voltando ao quarto do moribundo, desconfiadamente, aterrados, benzendo-se...

Accenderam velas bentas, queimaram folhas de pindoba graciosamente fornecidas pela igreja aos domingos de ramos, e, como lembrassem a efficacia de um terço em casos identicos, accorreram pressurosamente ao oratorio. Mas quando abriam o estremececeram ainda ouvindo como um bello rumor de azas que se desdobravam e fugiam imperceptivelmente por cima de suas cabeças e depois, immediatamente depois rodopiou por toda a casa como um turbilhão diabolico.

Apagaram-se subitamente todas as luzes, fecharam-se as portas e janellas com um estrapido medonho, reboaram louças no chão, estridularam chocalhos, relampejaram, correram chammas sulfureas... Parecia que andavam esganando alguém a um canto. Houve gritos desesperados, blasphemias, gemidos estertorantes, assovios, risadas sardonicas, guinchos medonhos...

— Jesus! quem nos acode!... E quando findo o incidente reaccenderam as velas e procuraram acercar-se do doente, estremeceram horerizados ante a rede murcha, bamba, vazia...

E em vão pesquisaram toda a casa, a circumvizinhança, tudo... O capitão José Joaquim da Silva e Souza, morto ou vivo havia realmente desaparecido sem deixar o minimo vestigio de sua passagem.

Todos os móveis estavam nos lugares respectivos com o mesmo aspecto somnolento anterior, — só o oratorio, ah! só o oratorio estava deserto...

— E o santo!

— Virgem Maria!

— Só então recordaram-se do estranho rumor de azas que ouviram ao abril-o e quasi numa só voz:

—Era o santo!

—Era o santo!...

E, como tocados pelo mesmo pensamento, recordando talvez o candido aspecto que apparentara o glorioso S. Benedicto quando manifestaram-se a veneravel irmã Benta Nastafi ao devolver-lhe o eão a seraphica essencia, na mesma occasião do seu sumptuoso trespassar:

—Pois era o santo!...

—Era o santo!...

E sahiram aterrorisados, atabalhoadamente, as carreiras, de rodão, «fazendo figas» numa algazarra:

—Tese injuro, mafarrico, pé de pato!

João Pinheiro

Uma pagina dos "Barbaros"

Pouco me importa a mim a magua já soffrida
Atravéz da existencia, em caminho da morte...
Hoje, lançando o olhar á estrada percorrida,
Sei bem que, por ficar de alma desilludida,
Aprendi na Desgraça a ser mau e a ser forte!

Fiz-me impavido heróe de renhida batalha,
Cantando da Loucura a desvairada trova...
E quanta gente vi, na algema da mortalha,
Descer, por entre o apôdo e o riso da canalha,
Aos sinistros desvãos de escancarada cova!

E eu aqui me fiquei, de pé, como um gigante,
Ou um demonio, talvez, que a Dôr transfigurara,
Rindo dos homens maus que encontro a todo instante,
Dos bandidos, em cujo original semblante
Ha toda uma expressão de villania rara...

Das mulheres, já sei que são todas iguaes:
Mercadejam, sem pena, o pobre coração,
E alguem que chegue a crer nos seus olhos fataes
Ha de perder, por força, uma illusão demais,
Mesmo que esta lhe seja a ultima illusão...

Por Ellas muita vez andei de olhar sombrio,
Como na expiação de um terrivel peccado. . .
Fui cobarde. Deixei que as lagrimas, em fio,
Corressem me abatendo o espirito bravio,
Nessa angustia cruel de muito haver amado!

Mas, tudo isso passou! Nada agora me resta
Das mulheres que amei como se deve amar. . .
—Hoje, minha alma lembra uma grande floresta
Por onde andou do incendio a aza rubra e funesta,
Na torva ancia voraz de a tudo aniquilar. . .

Meu sêr tornou-se todo uma cousa vasia:
Trapoz de nuvem, sombra, alvo floco de espuma, . . .
Desarvorou-se a nau da minha Phantasia,
E eu, desde então, me puz a vagar notte e dia,
Sem nada desejar, sem querer cousa alguma. . .

Sô uma Dor me ficou, salva, acima de tudo:
A saudade fatal do meu sêr de outras eras,
Da minha alma que andou, de elmo, de lança e escudo,
Vendo o Amor me acenar com braços de velludo,
Por entre o refflorir de eternas primaveras. . .

Não ha quem de alma ativa a cruz do Amor suporte!
Comtudo, o Amor é um mal muito melhor que o bem. . .
Pois eu que, assim, me fiz tão soberbo e tão forte,
Posso affirmar que dóe muito mais do que a morte
A Dor de se viver sem amar a ninguem! . . .

Zito Baptista.



“O SUL DO PIAUHY”

A' minha esposa, Corina Brandão.

Quem, de Amarante, segue para a nossa velha metropole, sobe uma ratipa de grey encostada ás ultimas casas da cidade até galgar a chapada plana onde serpenteia o caminho ladeado por arbustos de pequeno crescimento, despidos de folhas no verão, verdes e frondosos pelo inverno.

No tempo em que parti de Amarante, em direcção ao sul do Estado, em serviço de minha profissão, o ceo era limpo e o sol a pino queimava a superficie da terra.

Os arbustos despidos nos expunham aos ultimos raios do sol que morria, nessa hora, por traz da serra de São Francisco, entre nuvens purpurinas e violaceas. E viajavamos calados naquella hora crepuscular ouvindo somente o chocalho dos animaes de carga e o rumor das patas dos cavallos nas pedras da estrada.

Por entre os galhos nus das arvores franzinas mostrava a lua o seu disco brilhante que se elevava, aos poucos, do horizonte, illuminando a estrada que seguíamos.

Depois de 4 dias de viagem, chegamos a Oeiras, a velha cidade em ruinas, á margem do Mocha, com sua ponte de pedra construida por ordem de Bernardo Ferreira de Vasconcellos.

O Mocha, de hoje, não é o dos tempos idos: apenas um palmo d'agua crystallina e pura corre em seu leito de pedra e areia. Somente pelo inverno, depois de copiosas chuvas, elle se avoluma numa agua barrenta querendo lembrar o passado, indo, ainda uma vez, molhar as raizes das arvores que se debruçam sobre sua corrente como se fosse um adeus, um ultimo adeus, de despedida, porque o rio, outr'ora murmurejante e fecundo, hoje morre e definha numa agonia lenta.

O fogo desnudando os oiteiros de grey que cercam Oeiras faz com que as enchurradas decomponham a rocha formando-se

se São João, de casaria multicolor, de telhados vermelhos, situada á margem esquerda do Rio Piauí, numa varzea plana e extensa, coberta de arvorêdos verdes e frondosos, espalhados naquella immensa planície alegre. Ao longe avista-se a lagoa do Buqueirão-zinho de agua clara alvejando ao sol, orlada por frondosos car-nahubas e mais longe ainda as altas cumiadas da Serra Grande, de altaneiros pincares e de atalaias esguias.

O Rio Piauí, de altos barrancos, mede em São João cento e quatorze metros de largura; porem no verão somente uma fita d'agua corre em seu leito de areia, fita d'agua tenue e franzina que representa a vida de uma população densa em todo o seu percurso.

Transposto o rio, entra-se em São João por um becco estreito encontrando-se logo adiante a casa do mercado, modesta, porem bem construida.

A Rua do Commercio, que fica em frente, é a melhor e a maior da cidade: mede, aproximadamente, uns 800 metros de comprimento e uns 10 a 12 de largura. Nella estão situadas as principaes casas commerciaes.

Só existe uma praça e em uma parte mais elevada ergue-se a ermida de estylo indeciso, um pouco estragada.

O clima de São João é um dos melhores do Estado. O termometro não passa de + 30° c/e a ventilação é constante e fresca.

De São João para São Raymundo têm duas estradas: uma que acompanha o Rio Piauí, a outra que vae pela serra. A primeira é mais longa e mais alagada, a segunda mais curta; porem horrivelmente accidentada.

A Serra-Grande que fica situada entre estas duas cidades mede, na sua maior altura, referente ás aguas baixas do Rio Piauí em frente a São João, 480 metros. Ella é toda constituída de grey com camadas extractificadas de seixo rolado.

Na maior parte o grey é ferriginoso, encontrando-se outras colorações provenientes da oxidação de outros metaes. Na base da serra a contextura do grey é uniforme, de gran fina. Nas camadas mais superiores a sua contextura é mais grosseira. Aí a gran do quartzó solidificado por um cimento calcareo ferruginoso é angulosa e apresenta vestigios de sedimentação micacica.

O chapadão da serra é todo constituído de areia e argila. Durante 6 dias que estive em exploração no chapadão da serra o termometro marcou ás 5 horas da manhã + 8°-c. e nos demais afluentes do Rio Piauí, visinhos á Serra, existe, como neste ultimo rio, uma serie de ondulações todas constituídas de eschisto e ardosia de permeio com a malacachita em camadas inclinadas ao seu verdadeiro plano de extractificação.

Abaixo 3 kilometros da barra do Riacho Bom Jesus, na mar-

gem do Piauí, encontram-se enormes blocos de granito.

O traçado por mim estudado para a construção da linha telegraphica de São Raymundo segue de São João com azimuth magnetico de 22°—0'—S—O até o lugar denominado Boa Vista, situado á margem direita do riacho do mesmo nome, a 110,00 de altitude referente ao mencionado plano de comparação, acompanhando esse riacho até o lugar Olho d'Água, subindo a serra, nesse lugar, por uma rampa de 14 % á uma altura de 220,00 e dahi pelo «plateau» da Serra Grande até o sitio Sacco onde se desceu por um arampado de 16 % indo direito ao futuroso povoado da Varzea Grande e dahi pela caatinga situada entre a serra e o Rio Piauí até a villa de São Raymundo Nonnato, numa extensão total de 94.200,00.

São Raymundo Nonnato é o municipio mais rico do Estado, possui extensos maniçobaes que dão uma produção annual assás elevada. O seu commercio, como os de São João e Simplicio Mendes, é todo feito com a Bahia por ser mais facil o meio de transporte.

O futuro do sul do Piauí está nas estradas de rodagens trafegadas de automoveis.

O capital empregado em uma estrada de ferro requer um trafego crescido que garanta os juros da enorme somma nella empregada; ao passo que o de uma estrada para automovel é infinitamente menor e está em inteiro accordo com o rendimento que possa advir ao movimento da nossa exportação e importação.

Quando se não construisse uma estrada macdamisada, que seria mais cara, ao menos uma que permittisse ao vehiculo uma velocidade de 25 kilometros por hora.

E uma estrada que partisse de Floriano, ligando Oeiras, Simplicio Mendes, São João, São Raymundo e Remanso, com dois ramaes, um de Oeiras a Picos e Jaicos e outro de São João para Petrolina, seria de grande futuro e de rendimento bem vantajoso.

A entrada em São Raymundo não tem nada de agradável. A estrada plana, tortuosa, coberta de ramos de favella, de espinhos venenosos, avança atravessando o rio Piauí duas vezes, que mal parece uma grota, e, bruscamente, chega-se em São Raymundo pelos fundos da igreja.

Quando lá cheguei fazia pouco tempo que uma inundação havia destruido parte da cidade; porem a que restava era aprasivel.

E depois desse longo percurso, entregue a um penoso labor, exposto, ás vezes, aos rigores do verão e outras ás doçuras do inverno resta a recordação de felizes momentos passados em companhia de amigos sinceros e cavalheiros distinctos.

Ser-me-ha sempre grato recordar-me da minha excursão ao sul do Piauí.

Se por um lado pungem-me no coração as privações que passei exposto ao rigor do tempo, explorando e estudando a silva bravia, por outro lado, a recordação do que fruí, as amizades que, inmerecidamente, conquistei, me trazem ao coração um conforto suave que me reanima a novos labores.

F. A. Brandão Junior.

Scena do Norte

Ao M. A. Teixeira Junior.

Dormia a cobra o somno da innocencia...
 E daquela tranquila somnolencia
 Nem mesmo um sopro a vinha despertar!
 Eis, de repente, canta-lhe bem perto
 Um trefego «cancão», ousado e experto,
 Que a vendo, os companheiros vai chamar.

Forma-se o bando; e em breve alegre côro,
 Num concerto tenaz e duradouro,
 Do medonho reptil fere a attenção.
 Canta daqui um passaro; responde
 Outro mais adiante; este se esconde
 E grita lesto e impavido: «cancão»!

E o circulo se aperta; e o bando augmenta;
 Um mais terrivel logo experimenta
 Com o bico leve o cascavel ferir.
 A cobra finge não o ve; entanto
 Prepara o bote e pensa, com espanto:
 «Nem sabe o tolo como o hei-de engulir!»

Que coragem a sua; não tem medo...
 E' doido; não vê que eu lhe não concedo
 Nem um minuto mais de vida ao Sol.
 Se a geito o pego e o dominar consigo;
 E quando isto se der o seu castigo
 Das minhas glorias crescerá o rol!»

E enquanto o cascavel assim reflete
O bando estreita o círculo e promete
Torna-o, aos poucos, cada vez, menor.
Rápido, a cobra, o bote ousado atira;
Mas este não encontra alguém que fira
E torna-se, de todo, sem valor.

E o câncão volta, lepido e matreiro,
A ferir e a cantar. O bando inteiro
Agora dá bicadas infernaes.
O cascavel perdeu a calma e louco
Botes atira sem contar; em pouco
Sente que reagir não pode mais!

Então fica tranquilo e a morte espera
Dominado da raiva mais austera
Maldizendo das armas que possui...
E sua vida vai-se lentamente
Fugindo, como a nevoa alvinhenta
Que a luz do Sol, de todo, se dilue.

Mário José Baptista.

Contribuições para a historia do Piauí.

I

O CERCO DE OBRAS EM 1845

Logo em seguida á revolução de 1822, que fez a hegemonia politica do Brazil, se verificaram os inconvenientes da illimitação dos poderes conferidos ao imperador e a idéa de limital-os nasceu e se espalhou. Poucos mezes bastaram, mesmo, para tornar imperiosa a necessidade da convocação de ãa camara constituinte, reinando desaccordo, apenas, quanto á extensão dos poderes conferiveis a D. Pedro.

D'ahi, o delineamento de dois futuros partidos, um dos quaes, absolutista, pregava a centralização de toda a autoridade no throno; outro mais democrata, que se batia pela descentralização relativa.

Coube, ao último, a victoria com a criação dos juizes de paz elegiveis pelo povo. E não foi curto o triumpho, porque o Acto Adicional alterou a Constituição e as assembleas provinciaes, para completarem a conquista de que os juizados elegiveis eram o primeiro marco, avocaram-se uma amplitude que não mascarava a evidencia da federação.

A reacção não tardou. As eleições de 1836 entregaram o poder ao partido centralizador que, afim de manter as camaras legislativas provinciaes, creou a lei dos prefeitos, passando a estes as prerogativas mais importantes dos juizes de paz, e, assim armados, foram elles, em breve, as figuras mais salientes dos municipios.

Antes, contudo, que a lei dos prefeitos patenteasse seus inconvenientes, se organizou, a 7 de setembro de 1837, o ministerio Vasconcellos, destinado, especialmente, a obter da Camara uma interpretação do Acto Adicional. E tanto é assim, que, obtida, substituiu-o o ministerio Andrade que se esperava servisse ás tentativas descentralizadoras e, no entanto, se entregou, inteiramente, aos propagandistas da centralização.

Inicia-se, por isso, um periodo agitado. A Bahia revolta-se contra o despotismo da regencia e o morticínio inglorio de seus filhos paga a audacia da tentativa. Por sua vez, reage o Maranhão contra os prefeitos e ha fortes razões para crer que outra não foi a origem da Balaiada.

Apesar, entretanto, da diversidade do escopo, os dois partidos não estavam totalmente diferenciados, ainda, e muitas vezes andavam em accordo de vistas — como aconteceu com os ministerios Vasconcellos e Andrade, tirados de circulos differentes.

Durou isso até ás eleições de 1841 que deram uma camara dissolvida antes de serem iniciados os trabalhos. Foi então chamado, de novo, o dr. Bernardo Pereira de Vasconcellos para organizar o ministerio em substituição ao ministerio Andrade Machado — demittido em consequencia da dissolução da Camara. E, organizado, fez, por in-

termeio dos presidentes das provincias, pressão sobre as eleições, conseguindo uma Camara unanime que, sem exame, votou a lei de 3 de dezembro.

Mas nem todo o pais se conformou com os successos e duas das mais importantes das provincias, S. Paulo e Minas, se insurgiram, movimentadas pelos chefes principais do partido descentralizador. Esses factos mesmos demonstram que um partido apenas existia no Brazil, por quanto nem todos aquelles que pregavam em Minas e S. Paulo a descentralização pegaram em armas, como nem um, fóra das duas provincias, apoiou a lucta. E desde então se iniciou a descreminação dos partidos que principiaram a denominar-se — *Luzia*, ou *Liberal* e *Ordreiro*, *Saquaroma*, *Conservador*, ou, simplesmente, *Liberal* e *Conservador*, como ficaram conhecidos.

Quando o duque de Caxias conseguiu pacificar — S. Paulo com o combate de Venda Grande, Minas, com o de S. Luzia, o imperador quiz dissolver o ministerio Vasconcellos e não o conseguiu. Os ministros apoiaram-se na Camara que tinham feito e desrespeitaram os desejos do monarcha. E, deste modo, os conservadores se mantiveram no poder, dominando a situação até 1844.

Administrava o Piauí, por esse o tempo, o dr. José Hedefonso de Sousa Ramos (1) que para aqui viera preparar terreno afim de obter um logar na representação da provincia. Fóra nomeado por carta do governo de 1.º de setembro de 1843.

Mas, com a queda do partido Conservador, o ministerio liberal dissolveo, (2 de fevereiro de 1844) a Camara das Deputados e tomou precauções no sentido de que a nova Camara o apoiasse, em absoluto. Para isso, demittiu todos os presidentes adversarios, em cujo numero, apesar dos protestos de todo o Piauí, entrou o dr. José Hedefonso, sendo nomeado para substituí-lo

(1) Barão das Tres Barras, depois visconde de Jaguaray, senador do imperio e conselheiro de Estado.

e fazer a eleição Thomaz Joaquim Peireira Valente, conde do Rio Pardo, (carta de 1.º de Julho de 1844) o qual se empossou a 9 de setembro do mesmo anno.

A provincia atravessava na epoca de relativa prosperidade, sob a administração criteriosa do dr. Souza Ramos. Tanto quanto possível, fôra mantida a tranquillidade publica e, posto não tivesse elle o apoio do visconde da Parnahyba, — ainda valiosa influencia politica, emmudecia a opposição diante da justiça de seus actos.

A proposito, assim se manifesta o *O Publicador Official Piahyense* (23 de agosto de 1844):

«A administração do sr. dr. Ramos tem sido tal, que sem contestação legitima, forma a gloria do primeiro periodo de sua carreira publica. A provincia inteira, — já, por meio das autoridades e camaras municipaes, já os cidadãos mais conspicuos de todos os municipios, por si, a tem approvado e applaudido; e ultimamente (o que bastaria para formar seu elogio) a Assembléa legislativa da provincia, o legitimo organ d'ella, acaba de manifestar a sua sympathia e confiança na administração de s. exc.»

Era em agosto. As eleições primarias tinham sido marcadas para 6 de outubro e o partido Conservador escolhera para representar o Piauí — que dava somente dois deputados — os drs. Souza Ramos e Francisco de Souza Martins.

O *Publicador*, em o numero a que me referi, acima, apresenta esses dois nomes ao eleitorado, em artigo energico que mal encobre fundos intuitos reaccionarios. «Ao governo geral, diz elle, compete nomear e demittir, livremente, os presidentes: exerceu o seu direito; nada ha que oppôr-se-lhe; mas, a mesma Ley que dá ao governo geral o direito de nomear e demittir livremente os presidentes, dá ao povo o de eleger com a mesma liberdade os seus deputados e, por isso mesmo que somos escravos da Ley, havemos exercer o nosso direito que queremos seja respeitado».

Eram chefes supremos no Piauí: do partido *Liberal* o visconde da Parnahyba; do *Conservador*, o dr. Souza Ra-

ma relativa e, mesmo na apuração de 1.º de novembro, nada houve a lamentar.

O governo, por esse tempo, ainda perdia eleições. Perdeu essa que, por úa maioria esmagadora, mandou á Camara os drs. Souza Ramos e Souza Martins.

E, assim, pareceria agora que, afastada a razão da dissidencia voltaria a tranquillidade á provincia. Não voltou. Explodiram, mesmo, reacções mais graves.

O anno de 1845 iniciou-se sob um regimen de terror. Ninguém se considerava seguro. A triste metropóle entrou a ficar deserta. Certo dia appareceu um pasquim indecente contra o visconde. Vieram outros contra os suppostos autores do primeiro. E não tardou que se verificassem perversos assassinatos nas ruas mais frequentadas de Oeiras. A morte de tal, ou tal individuo, era predicta e realizada.

No dia 14 de abril, o capitão Theodoro Pereira de Castro, commandante da policia, foi ao quartel, reuniu a Valerio de tal—criado do visconde, os soldados José Victorino de Souza, Antonio Valerio e João Luiz Ignacio, todos do corpo fixo, e levou-os ao conde do Rio Pardo. Sem o incommodar a presença do ajudante de ordens—Eduardo Joaquim Pereira de Oliveira, disse ao presidente que *os homens* estavam promptos para a *diligencia* e, obtendo permissão, retirou-se, communicando-lhes, á sabida, que a *diligencia* era matar o padre Manoel Quintino de Britto, Tiberio Cesar Burlamaqui e José Mauricio da Costa Pestana. E, para maior segurança, foi encarregado de commandar a patrulha o inferior Manoel dos Santos, conhecido por Manoel Saquinho.

Estava uma noite esplendida de luar.

Às 8 horas, o padre atravessava a rua do Fogo, uma das mais importantes de Oeiras, quando os quatro bandidos o enfrentaram, deixando-o mortalmente ferido...

A Liga entendeu que devia responder ao crime com outro e, pouco depois, ás 9 horas da noite de 17 de maio, —tambem noite de luar, era morto, a tiros de pistola, o commandante da policia.

E os crimes se reproduziram de tal forma que, chega-

dos os dois partidos à máxima exacerbação, resolveu a Liga cercar a cidade e apoderar-se do visconde.

Para isso, começou o povo a reunir-se no dia 21 de maio, uma légua ao sul de Oeiras. E tal notícia alarmou por uma vez, a população que, na quasi totalidade, fugiu para o interior. Passaram-se, porém, os dias 21 e 22 de maio, sem que o projectado movimento se realizasse — apesar de crescer, a cada instante, a multidão hostil.

Na cidade, o presidente se preparava para uma resistência heroica. As forças tinham sido recolhidas ao quartel. Distribuíra-se, fartamente, munição às praças. Dobrara-se a guarda de palácio. Esperava-se, a todo momento, um reforço de *cabras* que o visconde mandara vir de suas fazendas.

A 23, no entanto, graças á intervenção de Antonio de Souza Mendes, resolveu a Liga mandar uma deputação ao presidente com o *ultimatum*: ou o visconde e Tiberio Cesar Burlamaqui se retiravam de Oeiras, ou esta soffreria um ataque em regra.

Não havia, porém, quem quizesse encarregar-se da missão. Era perigosa. Quem a desempenhasse, jogava a propria vida. E o *ultimatum* não teria sido levado, si o chefe do movimento, José Mauricio da Costa Pestana, não se encarregasse de ir apresental-o.

Não querendo deixal-o ir sozinho, acompanhou-o Antonio de Souza Mendes, chegando á casa do conde do Rio Pardo sem que nada soffressem. Mas, o perigo estava, justamente, em palácio, e os dois emissarios bem o comprehenderam quando, depois de grande demora, conseguiram fallar ao presidente.

Este os recebeu acompanhado pelo visconde, que teve sciencia immediata do que pretendiam os sediciosos.

Homem de um tino raro, não pensou Manoel de Souza Martins em resistir. Antes que o conde respondesse á imposição, accitou as condições, exigindo, apenas, o compromisso da dissolução immediata do ajuntamento.

E a mesma noite sahiam elle e Tiberio Burlamaqui, de Oeiras, por estradas diversas...

Dizem tradições que fugiram disfarçados, o primeiro em vaqueiro, o segundo em trajes femininos. Mas é de justiça não acreditar que, assim, sahisses, porquanto, conhecidos como eram, em nada lhes valeriam a astucia e o disfarce. Trata-se, parece, de boatos propalados pelos triumphadores da Liga, mesmo porque, em nenhum dos varios documentos que consultei, se faz menção do facto. O que não deixa duvida é que, imposta e acceita a retirada dos alludidos chefes liberaes, a multidão se dispersou, sem maior alteração da ordem publica.

Perdurou, todavia, o regimen do terror. Cresceu a falta de segurança. Continuou o apparatus bellico e a situação encaminhou-se, pouco a pouco, para um desfecho sangrento.

O presidente, por outro lado, em vez de, por concessões intelligentes, tentar restabelecer a harmonia entre os grupos, deixou-se arrastar numa rede de pequeninas vinganças, praticando actos que ateavam, ainda mais, a exaltação do povo. Entre estes, não foi menor a perseguição á Guarda Nacional, suspeita de fazer causa commum com a Liga. Muitos officiaes foram removidos. Trinta foram demittidos—apesar de victalícios por força da lei provincial n.º 28 e da lei da Assembléa Geral de 12 de maio de 1840.

Percebendo, entretanto, que os successos tendiam para um fim desastroso, passou o cargo ao seu substituto, dr. Francisco Xaxier de Cerqueira, a 20 de junho, e partiu para a côrte.

Então, já estava nomeado presidente do Piauí (carta imperial de 4 de abril de 1846) o dr. Zacharias de Goes e Vasconcellos, que, a 28 de junho prestou compromisso.

Durante os 7 dias da administração—Cerqueira nada houve de anormal. E como o novo presidente, servindo á Liga, se promptificasse a fazer justiça e prestigiasse a Guarda Nacional, terminaram as hostilidades, tanto que, as eleições de 21 de dezembro, para deputados provinciaes, correram em calma absoluta.

Para algumas das figuras dos acontecimentos que venho referindo, tiveram elles dolorosa repercussão em 1850. O

Poemas
12
Abdias
o nome em

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
N.º 53

Contribuições para a historia do Piauí

decurso de cinco annos lançara o esquecimento sobre os factos e se apagavam odios e resentimentos quando foi preso, em S. Antão (Pernambuco), um dos assassinos do padre Manoel Quintino de Britto.

Foi como um incendio que irrompesse e uma faisca. O partido Conservador aproveitou a oportunidade para o ultimo golpe no visconde da Parnahyba.

O reu preso — José Victorino de Souza, condemnado á pena ultima, e intimado a sentença, foi mettido no *oratorio* para aguardar a execução. Houve, porem, quem pretendesse obter uma confissão que compromettesse o visconde. Afim de conseguil-a, collocaram junto ao condemnado, como exortador, o missionario apostolico capuchinho Frei Lourenço de Monte Leone que, a principio, nada obteve.

Foi, por esse motivo, adiada a execução e o reu, talvez illudido, mandou, a 3 de março, chamar o pai da victima capitão José Lourenço de Britto e confessou que o conde do Rio Pardo, o visconde da Parnahyba e seu filho padre João de Souza Martins, vigario collado na freguezia de Oeiras, tinham sido os mandantes do assassinato.

Obtida a confissão ninguem se incommodou, mais, com o preso que, no dia seguinte, 4 de março, ás 6 horas da manhan, foi justicado na forca ...

Abdias Neves.



Threno

(A memoria de Raymundo Correia)

Estão de lucto as musas, Fundo, preme
A dor o coração da Patria, langue,
A lyra, que tangeste, si não geme
Tambem não ri. Ai, como chora sangue

A flórída deveza, e como treme,
Ao trepidar do solo annoso mangue,
A branca legião de estrellas! Freme,
Queixoso, o mar... Teu nobre corpo, exangue,

Foi, murcha e frio, descorada rosa
De uma triste manhã, triste e chorosa,
Entregue á terra, após o que soffrera...

Porém tua alma, Poéta, volitando,
Ao perfulgente céu subiu cantando,
Essa alma — só de luz — que não morrera!

Tóto Rodrigues.

Os filhos naturaes havidos na viuvez e reconhecidos, entáo, por escriptura publica ou testamento, concorrem á successão paterna com os legitimos preexistentes.

Eis uma questão difficil e muito controvertida.

Se de um lado, Perdigão Malheiros e outros defendem arduosamente a causa dos filhos naturaes, de outro lado ha accusadores da estatura de T. de Freitas e C. Bevilaqua.

A argumentação tem sido vigorosa e fecunda.

Servindo como advogado no fóro de uma cidade maranhense, tive de occupar-me dessa interessantissima questão, sustentando a these que me serve hoje de epigraphie.

Acha-se concebidos nos seguintes termos o artigo 2.º da lei de 2 de Setembro de 1847:— O reconhecimento do pae feito por escriptura publica antes de seu casamento, é indispensavel para

que qualquer filho natural possa ter parte na herança paterna, concorrendo elles com filhos legítimos do mesmo pae.

Ou interpretemos esse artigo sob o ponto de vista grammatical, ou interpretemol-o de accordo com os pendores de nossa legislação, com o estado da sociedade patria antes de 1847 e os debates havidos na camara, logicamente enfim; a these proposta sahirá triumphante.

A lei, conseguintemente, exige varios requisitos para que o filho natural concorrendo com os legítimos do mesmo pae, possa gozar os direitos de successão:—1.º que elle proceda de paes capazes de se casarem, em face de nossa lei;—2.º que seja reconhecido por escriptura publica;—3.º que esse reconhecimento tenha logar antes do casamento.

Com uma simples leitura, ou decompondo, como acabamos de fazer, o artigo da lei, verifica-se que o legislador não se occupou dos filhos havidos na viuvez, mas unicamente dos anteriores ao casamento.

Nem era possivel occupar-se, porque, dissolvido o casamento e feito o inventario, dada a existencia de bens, está o pae livre de qualquer compromisso, podendo, á vontade, dispôr dos seus bens e contrahir outro matrimonio.

Quando o legislador diz—qualquer filho natural—, não tem em vista os havidos na viuvez: *esses* filhos distribuem-se em diversas classes.

Seria injusto ampliar a disposição do artigo commentado a mais do que ella expressamente contem—«odiosa restringenda, benigna amplianda» porque, desse modo, sahiriam gravemente lesados os interesses dos que nella não estão comprehendidos.

Se os motivos da lei de alguma cousa servem na sua interpretação, como não podem deixar de servir, examinal-os é tornar bem clara e incontestavel a nossa these.

Sabe-se que, antes de 1847, os reconhecimentos por prova conjectural e testemunhal eram frequentes, produzindo grande escandalo no seio da sociedade. As noivas e suas familias eram dolorosamente surprehendidas com a entrada indebita de estranhos ao doce convivio do lar e á participação nos sagrados direitos do casal.

Fara refrear esses perigosos abusos, votou-se a lei de 2 de Setembro que, antes de tudo, visava «evitar surpresas nas familias» e só indirectamente proteger a legitimidade e o casamento.

É tanto isso é verdade que, por occasião dos debates sobre o assumpto, cahiu a emenda respectiva aos filhos havidos na viuvez, nestes termos: ... Quanto á segunda, ser o fundamento da determinação evitar a surpresa nas familias, o que, na hypothese, não se dá, por isso que, fallecendo a mulher, deve o marido

dar partilha aos filhos, e da sua meiação pode dispor, enquanto vivo, como quizer.

Outro elemento de grande valor na interpretação das leis é o estudo de suas fontes.

O art. 2.^o, em causa, tem assento no art. 337 do código civil francez. Eil-o:— «La reconnaissance faite pendant le mariage par l'un des époux, au profit d'un enfant naturel qu'il aurait eu, avant son mariage, d'un autre que de son époux, ne pourra nuire ni à celui-ci, ni aux enfants nés de ce mariage. Néanmoins, elle produira son effet après la dissolution de ce mariage, s'il n'en reste pas d'enfants.»

Não ha uma palavra referente aos filhos nascidos em estado de viuvez, nem isso era admissivel, sem um intoleravel abuso, uma pungente immoralidade; pois aos paes sobra competencia para, feita a partilha, disporem dos seus bens livremente, uma vez que o casamento, pela morte, reputa-se dissolvido.

Passando á doutrina, encontramos em T. de Freitas o maior baluarte da opinião adversa.

Ouçamos as suas proprias palavras:— ... «Ora, se o reconhecimento posterior ao casamento não aproveita, para tal effeito, nem aos filhos naturaes preexistentes, por maioria de razão não pode aproveitar aos filhos naturaes do tempo da viuvez.» «A lei não tem motivos para proteger filhos naturaes em prejuizo dos legitimos.» «Se é livre ao pae legitimar os filhos naturaes do tempo da viuvez, casando com a mãe destes; tambem é possível o casamento com a mãe dos filhos naturaes havidos antes do primeiro matrimonio, depois da dissolução deste, e não obstante terem ficado filhos legitimos.»

O erudito Jurisconsulto fornece-nos, pois, tres argumentos a combater, e cada qual mais aparentemente seductor, revelando a força intellectual do grande mestre, que era capaz de transformar o principio mais injuridico em um outro de caracter interessante e aceitavel.

Não procede o primeiro argumento: 1.^o porque, tendo uns nascido antes e outros no estado de viuvez, não estão em identidade de condições; 2.^o porque os filhos preexistentes ao matrimonio podiam e deviam ser então reconhecidos, como quer a lei, ao passo que, quanto aos outros, seria isso impossivel, absurdo e immoral, como diz Perdigão Malheiros.

Não colhe o segundo argumento, porque a lei não procura prejudicar os filhos legitimos, uma vez que, havendo bens, o pae é obrigado a dar partilhas, salvaguardando assim os seus interesses.

O ultimo argumento e o mais forte, pois o mestre tentou dar-lhe uma feição inteiramente logica, tambem não nos convence.

O facto explica-se em rapida viagem pelos dominios do direito de successão, e pelo modo de fazer a distribuição das quotas hereditarias. Se os filhos preexistentes ao primeiro matrimonio pudessem concorrer com os deste e os do segundo, sendo a successão «in capita,» como é, aquelles sahiriam lesados, o que não se dá com os filhos havidos na viuvez, pois, em todo caso, nasceram depois, e a lei não os excluiu. Por isso, conquanto estejam em identica situação juridica relativamente ao segundo matrimonio, não acontece o mesmo quanto ao primeiro, em que os filhos preexistentes prejudicariam os quinhões hereditarios dos legitimos, somente por terem, em face da letra do art. 2.º, perdido a oportunidade do reconhecimento.

Incluir nesse dispositivo os filhos nascidos em estado de viuvez seria amplial-o, sem haver duvida na lei, o que é abusivo e attentatorio ás normas juridicas (Mello Freire, Hist. § 128; Coelho da Rocha,—D. Civil—§ 44; Merlin, Rep. v. Loi); seria estender a outros casos a disposição fundada em razões especiaes e contra a regra commum de direito (Perdigão Malheiros, Comm. á Lei de 2 de Setembro; «Quod contra rationem juris receptum est, non debet produci ad consequencias»—Liv. 141—Dig. de reg. jur.; «in re dubia benigniorem interpretationem sequi, non minus justius quam tutius»—Liv. 192 § 2.º eod)

A ser applicavel o artigo, diz Malheiros, sel-o-ia do mesmo modo que aos filhos havidos antes do matrimonio. «Ora estes, quando reconhecidos por escriptura anterior, concorrem com os legitimos.» «Mas é impossivel, absurdo e immoral que esta condição se exigisse a respeito dos havidos no estado de viuvez posterior; ou que se lhes denegasse a herança, por não ser possivel o preenchimento de semelhante condição, com evidente excesso e violação da propria exigencia do art. 2.º da lei.»

Therezina, 17 de Dezembro de 1911.

A. Carvalho Filho.



Rurigena

Sobre um trecho de Sonho... Águas, rasgando ofensas
de um céu plúmbeo, nublado, as ríspidas cimeiras,
erguem-se amplas, alçando as fronte sobrahumanas
as selvagens, heris e tremulas palmeiras.

De um lado um rio corre estrepitoso; as lianas
dos glaucos linhorões de abroptas ribanceiras
descem como em festões de lafetãs e as canas
acenam tremulando as límpidas piemeiras.

Longos, roucos, profundos os trovões estremeam
e as novens, a vagar, indolentes, rabeam;
sacode o vento, ao longe, a matta indefinida.

E brama um lepro bravo, e escarva, e brama enquanto
se ouve vibrar no espaço o derradeiro canto
de úa marreca, além, tristíssima, perdida.

João Pinheiro.

Therezina

S. Paulo, de 1911.

MEU CARO,

É sob a impressão de radioza tarde de Julho desta extrema
suave dos tropicos que enfeixo algumas idéas para responder a tua
curioza epistola.

«O inquerito» envio-te nu e cru, «sem o manto diáfano da
fantazia.» «Veritas odium parit», pensei, mas como estou lonje, não
sofrerei os efeitos de minha nefanda franqueza.

Ao formulares a pergunta de astréo, atiraste, de certo, um olhar
sob o causticante céu de nossa terra, ad pino do sol, quando elle pro-
jeta no chão as suas vagas transbordantes de luz. Ao receber tua
carta, senti crepitar entre os dedos o fino papel de linho, como um
papiro crestado no furioso esplendor desse tropico vermelho, onde
alveja Therezina, no abraço languido de dous rios insalubres.

A nossa querida capital está situada no centro de uma clupada triste, áspera e monotona, sem um monte a emoldurar-lhe os horizontes, sem um vale ou bosque a mitigar-lhe a atmosfera fulminante. Sob a abóboda desse castíssimo firmamento desnudado, como impiedosa antiteze resuda uma população em geral raquítica e de estatura abaixo da media. Dir-se-iam os últimos rebentos de exausta hereditariedade, prunjeira e inquietadora, preliminarmente impulsionada por um disparate e bárbaro cruzamento. O povo aí é triste e nada expansivo: a fisionomia parece-lhe cristalizar-se numa modorra imperturbavel, coo fatigada renúncia da vida activa.

Quantas vezes não tenho comparado a dezabalada alegria desta gente paulista ás tepidas manifestações de nossos jubilos populares.

Este marasmo psicológico parece reflectir-se nos domínios estéticos. A arte insigne, de que Wagner é hoje o supremo arbitro, rejeta aí como mendigo feliz; as muzicas dessa terra têm a monotonia irritante e afetada do mesmo recurso, os compositores percorrem sempre o mesmo tema ralado e supinamente gasto; os compassos têm quasi a invariabilidade mathematica das conzas imutaveis, e a pobreza de variações e acidentes arrasta a melodia em melancolicos meneios. Falta-lhe a polieromia harmonica nos seus surtos de eloquencia muzical; falecem-lhe esses arroubos inexprimiveis de emoção estetica em que se comprazem os grandes artistas. (1)

A litteratura é incomparavelmente superior: a poesia e a proza têm representantes dignos de figurar numa antolojia, mas ambas trazem as sombras de nosso nublado temperamento, inaccessivel á palestra trocista e leve, á cronica jovial e brejeira, ao verso sadio e otimista.

Esta atmosfera de melancolia e de negligencia mercee o correctivo de uma forte e systematica reacção vital. A integração de nossa consciencia social require o concurso de uma melhor educação fisica.

Todo espirito encerra o germen da luz, como todo embrião, o germen da vida. A arvore é fecunda num terreno fertil, como o espirito é forte num corpo sadio. «Mens sana...» A dignidade intelectual só a podem ter os organismos bem conformados.

O cerebro só vibra as suas cordas luminosas, só expande a sua potencialidade primordial, em regra, nos individuos equilibrados por um ritmo perfeito das funções fisiologicas.

Os Gregos tinham uma verdadeira adoração pela beleza fisica, pela serena majestade das plasticas vigorozas, cujos maximos expoentes se definem em duas obras primas da antiguidade. Heracles Farnesio e Apollo de Belvedere. O ideal da perfeição fisica fazia parte da consciencia helenica; por isto os seus ginazios eram destinados, não só ás palestras scientificas como aos exercicios corporais.

(1) Ver-se o num. 8 da «Cidade de Teresina» onde o autor emprega as mesmas idéas.

Os grandes homens dessa maravilhosa terra do passado eram também atletas. Sócrates realizou uma proeza memorável, para nós, levando nas espaldas Xenophones ferido: «Aristoteles deve o sobrenome de Platão à magnitude soberba de sua potencia vital.» Aquella brilhante mocidade ateniense que se imortalizou pelas finezas espirituais de suas satiras, como pelas suas prodigiosas criações filozóficas e artisticas, era a mesma que dignificava o organismo nos torneios gínicos e aplaudia freneticamente os vencedores dos jogos olímpicos.

A Idade Média contemplativa e aulica, destruiu a obra da antiguidade. A sua ação prolongou-se até que os Anglo-Saxões proclamassem a necessidade da educação física, que conta hoje seus apóstolos: Ling, Müller, Sandow, etc.

Hoje ella faz parte do programa das escolas de todos os paizes adiantados.

Meu egregio amigo, posso enfim transpor a calmaria de minha sizuda divagação e chegar a uma conclusão sensata: os Therezinenzes devem olhar seriamente para a conservação e desenvolvimento do seu físico, empregando para isto, a ginastica, os esportes e a hygiene.

A ginastica deve ser essencialmente escolar, preferindo-se a sueca, sistema simples e methodico, que não tem por fim, crear atletas, mas operar harmonicamente o desenvolvimento do corpo. Hoje em que programas «monstros» entregam as creanças as perturbações da «surmenage» a ginastica é o antidoto dessa perigosa hipertrofia cerebral.

Os esportes devem acompanhar a educação social dos individuos; conservam a saúde e dão ao espirito firmeza e energia nas decisões, espantando ao mesmo tempo, a tristeza e a neurastenia. Em Therezina, na estação conveniente, (Maio, Junho e Julho), a equitação e as regatas dariam resultados felizes. «O football» e outros jogos violentos proprios dos climas frios devem ser condenados.

A hygiene constituirá o remate dessa obra de transformação. Neste ponto, o nosso atraso é desesperador: dizem que os ruas aí são infectas e enlameadas, os quintais amontoados de lixo, donde se exala a morte, na figura da tuberculose e outras doenças horrorezas que arrebatam centenas de creancinhas e de jovens.

Basta, por hoje, meu caro. A amargura de minha pena transforma-se na doce esperança de que revemos um dia Therezina, alegre, progressista e forte colaborando com as suas irmãs do Brazil para a restauração de nossa nacionalidade.

Accêta um abraço do teu

Antonio.

Cravo Branco

—Para o Coedeiro de Miranda—

Cravo branco—de neve... Urna de transparencia...
Emblema do sonhar das Virgens amorosas...
Esphinge da pureza... Imagem da innocencia...
Inveja dos jasmims! Amargura das rosas!

Cravo branco—de neve... Alvo ninho da essencia
Que seduz e captiva as abelhas nervosas,
E onde ellas vão, zumbindo, em ancias de demencia
Em vortices, beber delicias milagrosas...

Os teus petalos, cravo, immaculos e brancos,
Têm a alvura sem par do marmore funéreo,
Da névoa que a montanha ostenta nos seus flancos...

Cravo! Tens uma vida! A tua alma—é o perfume...
O perfume—é o teu Eu; Eu de sonhos, ethereo...
—Cravo Branco do Amôr! tens uma alma—o Ciume!..

Bahia—10—novembro—910.

Alcides Freitas.

Ultimas notas

Livros Novos.—Si é possível dizermos, cada livro novo que publica
nosso grande juriconsulto, dr. Clovis Bevilacqua, indica uma erudição
cada vez mais assombrosa, uma elevação de vista sempre segura e bri-
lante e uma profundeza de doutrina, norteada por um methodo ad-
miravel em clareza.

O livro «Direito Publico Internacional», em dois grossos volu-
mes, systematizando os principios e a contribuição do Brazil na cons-
trução do grandioso edificio deste ramo do direito, veio collocar
nosso preclaro juriconsulto entre os mais acreditados internaciona-
listas contemporaneos. Nesta obra são agitadas e discutidas as ques-
ões mais serias e advogadas as doutrinas mais liberaes e adianta-

das, pondo-se em destaque o trabalho indefesso e glorioso da nossa diplomacia no sentido de accentual-as perante a diplomacia europea, tão cheia de preconceitos imperialistas.

Clovis Bevilacqua, ainda debaixo deste ponto de vista patriótico, presta um inestimavel serviço á nossa patria, mostrando o grande e generoso descortino da nossa diplomacia, desde o imperio até hoje.

Esta rapida noticia da obra do nosso genial pensador, não é mais do que uma simples apresentação, sem visar outro fim, pois nos faltam tempo e competencia para um juizo critico.

* * *

Pedimos aos nossos collaboradores desta capital que nos enviem as suas produções até o dia 15 de cada mez, afim de não retardarmos de um para outro numero as publicações recebidas. A materia para o numero que tem de sahir em fevereiro pode, desde já, ser entregue ao dr. Mathias Olympio.

* * *

Advogados:

Mathias Olympio. Rua Coronel Lysandro Nogueira, 33.
Cromwell Carvalho.
Valdivino Tino. Praça Uruguayana.
Themistocles Avellino. Rua Cel. Lysandro Nogueira.
Clodoaldo Freitas.
Miguel Rosa.
Hygino Cunha. Rua Elyseu Martins.
João Santos. Praça Aquidaban.
Carvalho Filho. Rua Dr. Alvaro Mendes.
J. J. Pereira da Silva. Rua Dr. Alvaro Mendes.
Simplicio Mendes. Rua Theodoro Pacheco.
Francisco Parentes.
G. Castro Cavalcanti. Rua Barroso.

Medicos:

Dr. Ribeiro Goncalves. Praça Marechal Deodoro.
Dr. Bonifacio Carvalho.
Dr. João Virgilio. Rua Theodoro Pacheco.
Dr. R. Teixeira.
Dr. Vaz da Silveira. Rua Coelho Rodrigues.

Dentistas:

João Pinheiro. Rua Alvaro Mendes.
A. Mendes de Carvalho. Rua Theodoro Pacheco.
J. Climaco Filho.
José Rocha. Rua Coronel Lysandro Nogueira.
Raymundo Cuedes. Rua Paysandú.